

Um jornal a favor da inteligência

São Paulo, 24 a 30 de agosto de 1977 — Ano II — Nº 93 Cr\$ 6,00

O PRESIDENTE ACABA DE DAR DE DAR UM TIRO NO PEITO!

EMPRESULTED PRULE-14 A 20-DE AGOSTO DE

Neste nefasto Dia de São Bartolomeu, precisamente às 8 e 35 horas da manhã de hoje, o maior líder popular que o povo brasileiro já conheceu, encerrou de modo dramático sua grande vida: um tiro no coração! O general Caiado de Castro ainda encontrou com vida o presidente. Chamou socorros às pressas, em menos de cinco minutos os médicos chegavam ao Palácio. Mas o grande presidente Getúlio Vargas já estava morto.(Continua na Página 11: "Abalados para sempre!").

AQUI

SÃO PAULO

Umavoltaredondana Imprensa Brasileira

Eu não sabia de nada. E agora?

Me lembro que a sineta de saída do colégio soou forte, mas não passava quase nada das 9 horas da manhã. Éramos umas 50 crianças, ficamos sem entender nada. Um segundo de perplexidade. E depois, ato contínuo, uma explosão de alegria, "vamos embora". Nas ruas do bairro da Penha, no antigo e então Distrito Federal — local da Escola Pública 9-12, Conde de Agrolongo, de quem jamais em minha vida vim a ter a menor referência —, mais precisamente de um homem parado na esquina, ouvindo um rádio do bar, vim a saber: "Getúlio Morreul" Prestando atenção pelas ruas, rumo ao ponto do bonde, ví que as pessoas choravam e os rádios nos bares me deixaram frases soltas na cabeça, todas elas, descobrimais tarde, frases da carta-tenamento que era lida sem cessar — "o povo de quem fui escravo não será mais escravo de ninguém". Na Circular da Penha tado mundo eva Flamengo e PTB, uma bandeira xá, se mesmas cores — o vermelho e o preto.

"Getulio Vargas pode ser considerado como o fundador do Brasil Moderno!"

Difinição lacidar, 23 anos depais doquele trágico día, doda por Samuel Wainer — o fundedor de ÚLTI-MA HORA e do AQUI São Paulo — em editorial assinado na Folha de São Paulo do sitimo damingo 21, ao hamem que nos deu o voto secreto, o voto jemistro, a lagislação social, a mão de abre para a indistria, a siderurgia de Volta Redonda, a Petrobrás, a remesea de lucros e nos legou o nacionalismo em parta-textamento. Aquela mesma que ainda hoje não me sai da cabeça.

Só mesmo o jornalista Samuet Wainer poderia recolocar para todos nós a discussão da figura do estadista Getulio Vargas. Afinal, como disia o falecido presidente, ele é o "Profeta", homem que pode hoje se orgulhar de ter feito com sua carreira de jornalista quello que nós hoje reconhecemos como uma verdadeira volta redonda na Imprensa Brasileira.

Hamilton Almeida Filho

Myltainho a Jorge Amado: "Você já dormiu na minha cama. Lembra?"

Menino-copy, aos 19 anos, da seção de Interior da então Folhona de S. Paulo, nos idos de 62, Mylton Severiano da Silva - "o nosso Myltainho, secretário de redação do Aqui e melhor Editor de Texto da cidade depois de 15 anos de carreira -,

trouxe de casa suas duas qualidades fundamentais: a paixão pelo escrito e a honestidade de caráter. Também conheceu muita gente boa, quando pequeno, lá em Marili. Leia ao lado, seu reencontro com Jorge Amado.



Helena, Helena ou Julieta, Julieta, eis a questão de Alex



Um pacto de morte entre duas jovens, ambas Helenas, ambas filhas de Mococa, cidade do interior do Estado. Uma história que quase custou a vida do diretor de cinema Alex Solnik e mais

de 9 meses de trabalho. Pág. 18

ouço falar em arte, eu saco meu bacamarte".

Dito popular em algumas redações que sempre exprimiu a incompreensão do trabalho do artista gráfico na imprensa moderna. Já melhoramos muito, temos até um Salão de Humor como o de Piracicaba - que teve como padrinho o nosso querido Henfil, chegando de Natal via China - e a Agraf, Associação dos Artistas Gráficos. Paulo Caruso, nosso enviado especial, analisa o que aconteceu e diz que a

inteligência está diretamente ligada com a liberdade. Pág.



João Antonio mata a cobra e mostra o pau do novo "boom"

Quem não conhece ainda hoje João Antonio Ferreira Filho?

João Antonio Ferreira Filho, que depois de vencer um concurso literário com o seu "Malagueta, Perus e Bacanaço", nos idos de 62, comeu o pão que o diabo amassou com o rabo até a consagração atual, 15 anos depois, pingente e sobrevivente da cultura nacional; João Antonio, hoje júri de um concurso nacional de contos vem a público exclamar:

"Não basta ser alfabetizado para ser escritor no Brasil!"



ACIDADI



A gente parece que descobre o mundo quando descobre o povo

A volta de D. Paulo à cidade depois dos 10 dias
que passou em Itaici esteve marcada por duas preocupações: o encaminhamento pastoral das conclusões tiradas durante o encontro de bispos, e expectativa de uma comentada
reunião da cúpula da CNBB
e o subsecretário de Estado
para Assuntos interamericanos, Terence Todman. D.
Paulo não acreditou na reunião, que acabou não acontecendo:

— "Era uma utopia. E eu acho que a imprensa atrapalhou."

O encontro de Itaici foi mais importante que a reunião com Todman. Promovido pelo Instituto Nacional Pastoral (INP), órgão da CNBB, nasceu da constatação de que o povo brasileiro mão está conseguindo exprimir seus desejos mais profundos. Entre as conclusões do encontro, uma causa apontada: a influência da propaganda, que faz "o povo desejar o que não quer". O cardeal continua:

"Eu estive, recente-

mente, passando alguns dias em Chapada dos Guimarães. E vi o povo de lá, de uma aldeia longínqua do Mato Grosso. E um povo profundamente medroso dos fenômenos naturais. Eu gravei as músicas folclóricas que ouvi. Aquilò que eu tenho gravado é autêntico. é realmente deles, é a expressão deles. Mas não se pode dizer o mesmo destes discos gravados, como a Música Popular do Centro-Oeste. Nesse caso, já é comercial. Para que seja ouvido por nós, da cidade, precisa ser comercial. Então não é essa a expressão mais profunda daquele povo."

- 'O papel das comunidades de base è esse. Os O Cardeal Arns, de velta de um encontro que durou des dias, preocupa-se agora em encaminhar a ação dos bispos junto à população. O encontro nasceu da constatação de que o povo não está exprimindo sua religiosidade. Uma das causas: a propaganda, que fas o povo "desejar o que não quer".

mais pobres não estão verbalizando seu projeto reli-gioso, seus valores mais espirituais. Os mais pobres es-tão oprimidos, não conseguem se comunicar com o restante da sociedade e com a Igreja. Faltam líderes verdadeiros. Nas CEBs, eles podem surgir, e os que surgem não são manipuláveis, pois não se afastam de suas origens. E são esses líderes que vão permitir, num trabalho lento, que a consciência se expanda por toda a comunidade, que a Igreja possa se comunicar com ela, e ajudá-la efetivamente. Nós queremos ajudar o povo a ser ele mesmo que é a única ajuda real que pode ser dada. Precisamos incentivar o povo a expressar esses valores, essa força interna, verificando sempre seus anseios e incentivando-o a prosseguir".

Conclusões como essa, obtidas depois dos dez dias de discussões, são izvada agora para as dioceses, com o compromisso de que elas orientem a ação dos bispos junto à população. "Prosseguir às chearvações e adaptar as conclusões ao povo brasileiro na hora de hoje" é um desses compromissos segundo o resumo elaborado pelos participantes.

do pelos participantes.

— "Há uma experiência interessante dos alunos de psicologia da PUC: eles estiveram trabalhando na periferia e consta que todas as referências psicopatológicas que haviam aprendido não correspondiam ao que viam ali. Isso acontece porque o povo mais pobre não tem dinheiro para se tratar, e então suas doenças permanecem desconhecidas. A gente parece que descobre o mundo quando descobre o povo."

Mônica Teixeira

Participa toda semana da reunião de pauta de "O São Paulo"; também semanalmente, escreve "O Encontro com o Pastor", coluna do mesmo jornal; há 20 anos, é sócio da Associação Brasileira de Imprensa; já dirigiu duas revistas. Autor de 21 livros publicados, escreve desde 1943.

O Jornalista Paulo Evaristo, 56 anos, Cardeal-Arcebispo da maior Arquidiocese do mundo, comparece a partir do próximo número no Aqui: sua coluna "O Encontro com o Pastor" será publicada por nós, na mesma samana em que sai em "O São Paulo", distribuído todos os domingos nas igrejas de São Paulo.

mas Erajus no one i mais

DMOS NOS

Um constituinte de 46 passou por São Paulo: Jorge, escritor elei Jorge, escritor elei Realo, tinha participado da Assembléia Constituinte que nos de excrever Tieta do Agreste, fiz deu uma nova Constituição e o la constituin e que nos de excrever Tieta do Agreste, fiz

to por mais de 10 milhões de leitores em todo o mundo!

Amado estava cansado. Mais de mil livros autografados durante seis horas, no magazine Mesbla, Rio de Janeiro. No dia seguinte, a mesma dose em São Paulo, na livraria Siciliano: desde as 5 da tarde, sempre uma fila de mais de cem pessoas, até o fim da noite - na última quinta-feira.

Daqui a pouco ele está autografando num supermerca-', ouvi alguém dizer com iro-

Na fila de São Paulo, querendo o seu autógrafo ou simplesmente apertar-lhe a mão - ou vá lá, pelo menos ver o ídolo de perto, ali estavam pessoas "do povo", como a lavadeira de lenço na cabeça e filho na mão, e também ''leitores famosos'', como José Mauro de Vasconcelos, como o censurado Ignácio de Loyola, me dizendo num sus-

"Você viu o que o Leo Gilson falou dele? Meteu o pau!

Curiosas, estas. kryticas: como se não significasse nada um escritor do Brasil chegar aos 65 anos com 10 milhões de livros vendidos no mundo, 4 milhões dos quais em seu proprio país!

Jorge, o que significou para você, como político, como escritor e como homem, a sua experiência de militante do Partido Comunista?

. Fiz-lhe a pergunta no saguão do Othon Palace, hotel onde costuma hospedar-se quem sabe por sentir-se melhor em casa de "conterrâneos" (o hotel pertence a um nordestino, como Jorge:



ao pernambucano Othon Bezerra de Mello). Diante de mim, o escritor está sossegado. Acabo de pedir licença para apresentar-me: sou filho daquele militante político, um alagoano em cuja casa Jorge hospedou-se 22 anos atrás, na cidade paulista de Marília, quando viajava em campanha eleitoral de apoio a Juscelino Kubitschek. Jorge ainda pertencia ao Partido Comunista, que na época gozava de uma "semi-legalidade" — o mesmo partido legalidade" – o mesmo partido pelo qual o escritor, em 1946, eleito deputado federal por São

deu uma nova Constituição e o período mais democrático experimentado pela minha geração.

Você comeu uma peixada com coco, depois pedíu uma cama para dormir um pouco. E autografou todos os seus livros eu era um garoto de 15 anos e já tinha lido todos os seus livros

Ele sorri levemente murmurando "ah, obrigado", e é claro que se lembra de tudo. Pergunta por Samuel Wainer, a quem chama de irmão. E finalmente quer saber o que queremos, nesta entrevista. Quando acabo de fazer a pergunta, ele me olha muito

'Ah. Pensei que vocês fossem fazer outro tipo de entrevista. Essa pergunta exige... que mais você queria saber?

Mostro-lhe o temário. Ele se confessa cansado, diz que daí a 4 horas viaja para Goiás, em descanso. E no meio disso ainda vai autografar mais livros, e conceder entrevista à Rede Globo, tudo entre dez da manhã e duas da tarde, na sexta-feira fria da semana passada.

(Um trecho de sua entrevista, que a Globo só vai botar no ar em outubro:

uma viagem de gaiola, subindo o Rio Amazonas. Uma viagem que eu já tinha feito em 1937, então repeti 40 anos depois, levei filhos e netos, genros, eu havia prometido que iam ver tartarugas, jacarés, o boto, peixe-boi, os bandos de aves extraordinárias! Acontece que não viram nada! Destruição brutal, terrivel, monstruosa, inimaginável - e sem justificativa. Certamente algumas espécies desapareceram. Em poucos dias, vimos um peixe-boi,no Museu Goeldi! Quer dizer, não é uma obra feita pelo povo. O negro não faz isso. O índio não faz isso, ele vive em contato com a terra. Foram os branços, e sobretudo os estran-geiros. É triste, vai desaparecer tudo! Espero que Tieta do Agreste venha contribuir para tudo isso acabar.")

Despediu-se prometendo en-viar, por escrito e pelo correio, as respostas as nossas perguntas: como está vendo o Brasil? e uma nova constituinte? como gostaria de ver o Brasil? entre outras.

'Fique descansado que lhe mando tudo respondido. Com Samuel Wainer não vou faitar".

Mylton Severiano da Silva



LOGICA ALUCINANTE

Se o presidente do Banco do Brasil se chama Karlos Rischbieter, O presidente do Banco da Alemanha devia chamar-se João da Silva?

ROMBO DO MILENIO

Tentando calcular os "prejuízos incalculáveis causados pelo sistema financeiro ao Tesouro" (*) fizemos algumas contas astrenturicas em nossa maquininha eletronica de bolso (o bolso que restou intacto depois do rombo do milênio - o do século foi aquele que o cinema consagrou, com o sugestivo título de "Assalto ao Trem Pagador".

Desviaram (eufemismo também é comigo mesmot) 21,6 bilhões. Ou:

400 mil fusquinhas em bom estado.

 200 cruzeiros de cada um de nós, e alguns quebrados.
 5 mil bilheterias de Maracanã lotado: seriam necessários 12 anos de Fla-Flu, um dia atrás do outro; inclusive Finados e Quartas-Feiras de Cinzas.

— 20 milhões de salários mínimos; seria possível pagar 100 mil operários durante 4 anos, a 4 mil cruzeiros mensais de salário, para construir o que bem entendessem (que tal a pirâmide de Queops?).

Enfim, se todas as pessoas que se encontram presas no Brasil fossem ladrões, precisariam ter aliviado 700 mil cruzeiros cada um, para chegar lá!

Quem vai pagar? Para evitar pânico entre os investidores, com perigoso desestímulo à poupança, pagarão todos - evitando ainda a solução socialmente injusta de cada investidor de boa-fé correr seu risco. Como previmos no último número, o fato prestes a consumar-se em nossa história, consumou-se. Chegou a democracia galopante: na hora de pagar os estragos, paga até quem estragoul É o que podemos chamar também de "redistribuição de prejuízos".

(°) Eufemismo ministerial: onde se lê prejuízo causado, leia dinheiro embolsado indevidamente; sistema financeiro; leia algo como magnatas das instituições financeiras; e Tesouro: leia dinheiro do povo.

Recado go Governa

Até que enfim São Paulo resolveu assumir o comando político da reforma institucional em marcha. Declarando aberta mente que o bipartidarismo já é uma fór mula superada, o Governador tocou no ponto mais sensível da legislação revolucionária. Afirmando que o pluripartidarismo ou a criação de quatro ou cinco novos partidos seria a melhor válvula de escape para o clamor nacional pela via mais rápida de retorno ao Estado de Direito, o Sr. Paulo Egydio efetivamente passa do terreno das especulações para o da realidade nacional. Apoiado logo a seguir pelo Governador do Rio Grande, Sinval Guazelli revela-se assim que já há um eixo-político em plena função, o eixo São Paulo-Porto Alegre. Historicamente, sempre que São Paulo e Rio Grande do Sul se uniram, resultaram acontecimentos importantes para o país. É o que se deve esperar logicamente quando se sabe que, tanto Paulo Egydio quanto Guazelli, são dois dos governadores mais ligados ao Presidente Geisel. Ninguém perde por esperar. São Paulo está no

José Carlos Bittencourt

ALUI SÃO PAULO

24 a 31 de agosto de 1977

Fundador: Samuel Wainer Diretora-Superintendente: Maria Eliza Machado da Silva Editor - Chefe: Hamilton Almeida Filho



Secretário de Redação: Mylton Severiano da Silva; Uîrapuru Mendes; Alex Solnik (texto); Chefe de Reportagem: Mônica Teixeira; Tania Nogueira, Palmério Dória, Caco Barcelos, Rosely Forga nes, Adyel Ferreira da Silva, Sérgio Pinto de Almeida, Ivo Patarra, Thais Helena Oliveira, (reporteres) Sergio Fujiwara, Valdir de Oliveira, Virginia Fujiwara (arte-diagramação) Luís Saiti Komyama, Paulo Caruso (ilustrações) Elvira Alegre (fotografia); Jorge Cunha Lima; Mário Ernesto Humberg, Sandra Adams, João Bittar, Amâncio Chiodi, Avani Stein, Gilberto Vasconcelos, P.M. Bardi, Wolfgang Leo Maar, Flávio Gikovate, Matinas Suzuki Junior, Sofia Wainer (colaboradores) Antonio Machado da Silva (assistente da diretoria).

Aqui São Paulo é uma publicação da Editora Brasil Mundo Ltda, Rua Arthur de Azevedo, 877, fone: 282-2831, SP. Distribuição Abril Cultural e Industrial SA, Rua do Curtume, 564, Lapa

Composto e impresso nas oficinas da PAT — Publicações e Assistência Ltda, Rua Dr. Virgílio Carvalho Pinto, 412, fone: 853-7461, Pinheiros SP.

O jornal não se responsabiliza por matérias assinadas - elas necessariamente não refletem

Aqui, um jornal a favor da inteligência!

10 19 20 CM

A CIDADE SOMOS NOS

O Cruzeiro novo revela: o baú do senhor Abravanel tilinta à velocidade de 96 cruzeiros por segundo!



"O Cruzeiro" nove

O veterano Arlindo Silva revela: Jânio Quadros, repórter internacional!

condomínio de acionistas dos Diários Associados decretava, em julho de 1975, o fechamento da revista O Cruzeiro, que chegou a ser a maior da América Latina, com tiragens de até 720 mil exemplares semanais. Seu título foi então arrematado em leilão por José Joaquim Freire Lagreca, ex-diretor-comercial da revista, por Cr\$ 1,500,000,00. Agora, dois anos depois, Lagreca se viu obrigado a editar um número especial (5 mil exemplares), colocado nas bancas do Rio, São Paulo, Brasília e Recife, para evitar que o título caísse em domínio público. Mas anunciou também, em editorial, o retorno da revista em tiragens regulares, a partir de ou-

O jornalista Arlindo Silva, que ficou famoso na antiga O Cruzeiro e será o chefe de sua nova sucursal paulista, conta como será a revista: "A linha editorial será aquela do passado: grandes reportagens, abordando assuntos de interesse popular e das grandes massas, sem desprezar, é óbvio, os assuntos de interesse da classe A. As pesquisas feitas mostram que a faixa editorial da revista continua vaga, não foi ocupada por nenhuma publicação. Um dado particularmente interessante é que, nestes dois anos em que a revista deixou de circular, muitas pessoas iam às bancas todas as semanas pedir O Cruzeiro".

E o dinheiro para ressuscitar a revista, de onde veio? Estaria Silvio Santos ingressando em um novo ramo de negócio? Arlíndo, que é assessor de imprensa de Sílvio, nega isso: "Lagreca associou-se a grupos financeiros do Rio de Janeiro. A reportagem

Uma simples nota oficial do modomínio de acionistas dos lários Associados decretava, in julho de 1975, o fechamento a revista O Gruzeiro, que chebu a ser a maior da América atina, com tiragens de até 720 sobre Sílvio Santos, no número especial, foi um assunto como outro qualquer, que parecia interessante pelo fato de se mostrar pela primeira vez, com dados oficiais, quanto Silvio ganha por minuto e por segundo".

Na ausência de Sflvio, a celebridade da revista, por enquanto, é o ex-presidente Jânio Quadros. A notícia da sua contratação para entrevistar personalidades como Jimmy Carter e Mário Soares, circulou primeiro nas redações de jornais e revistas. Arlindo Silva confirmou tudo, só não revelou o salário de Jânio: "Ele vai fazer comentários de política internacional, e as entrevistas com Soares e Carter estão realmente na sua pauta. Quanto ao salário, acho que ele não gostaria que eu dissesse. Mas pode acreditar que é quase um pagamento simbólico".

Um nome como o de Jânio poderá se constituir em um impulso inicial capaz de devolver ao novo O Cruzeiro o prestígio do antigo. A melhor fase da revista, segundo Arlindo, foi em 1954: "A tradicional linha da revista sempre foi de grandes reportagens de aventura ou de luta, todas de profundo apelo popular. Foi essa linha que fez com que a revista chegasse a tirar 720 mil exemplares semanais, que se esgotavam, em geral, em 48 horas. Foi o ano das grandes reportagens sobre a morte de Vargas e o consequente desmoronamento da sua dinastia. O grande mestre do jornalismo, Samuel Wainer, era dos que frequentavam as páginas da revista com reportagens sensacionais, quase sempre internacionais, mas também sobre política nacioA revista O Cruzeiro voltou às bancas, no mês passado, com uma edição para não perder direito ao título, e que serviu também, segundo seu editorial, como anúncio da volta definitiva, programada para outubro. Esse "número-tampão" publicou, em grande estilo, o que seria um legítimo furo de reportagem:

gem:
"Você sabe quanto Sílvio Santos fatura por minuto?"

tos fatura por minuto?"
Só que Arlindo Silva, o autor do "furo", também é assessor de imprensa de Sílvio Santos. A reportagem deu margens a especulações - desmentidas por Arlindo - sobre se Sílvio não estaria investindo no ressurgimento da revista.

Em todo caso, fica-se sabendo que Sílvio, mesmo quando está dormindo, fatura 96,18 cruzeiros por segundo; 5 771,02 por minuto; 346 261,57 por hora; 8 310 277,77 por dia; 249 308 333,33 por mês - pois a previsão de faturamento de suas empresas, para 77, atinge quase 3 trilhões de cruzeiros antigos. Mais exatamente: Cr\$ 2*991 700.000,00.

O rádio e a televisão foram apenas o ponto de partida do empresário Abravanel, que hoje é dono de vários negócios: carnês, imóveis, seguros, financiamentos e investimentos, distribuição de títulos e valores, cons-



"O Cruzeiro" de 19/11/1952

trução civil, comércio de veículos, assistência médico-hospitalar, reflorestamento, cosméticos, agropecuária e, agora dono de televisão. Ao todo, são 19 empresas: Sílvio Santos S.A. Administração e Participações (SSA); BF Utilidades Domésticas S.A. (UTD); Lojas Tamakavy S.A. (VAR); Panamericana de Seguros S.A. (SEG); Baú Financeira S.A. Crédito, Financiamento e Investimento (FIC); Baú Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliérios S.A. (DIS); Baú Construtora Ltda. (COL); Estúdios Sílvio Santos Cinema e Televisão Ltda. (ESS); Vimave - Vila Maria Veículos Ltda. (VIM); As-

previ - Associação de Previdência e Difusão de Seguros (ASP); Agropecuária Tamakavy (TAK); Agropecuária Tiaiepê (TIP); TV Estúdio Sílvio Santos Ltda. (TVS); Liderança Capitalização (CAP); Chanson Cosméticos Ltda. (SON); Perícia Administração e Corretagem de Seguros Ltda. (PER); Dinamica Promoção de Vendas Ltda. (DIN); Baú Corretora S.A. Câmbio e Valores Mobiliários (COR) e BF Parque Florestal (BFF); com 10 milhões de árvores no município de Jaguariaiva, Paraná.

Aí, está, portanto, de corpo inteiro, o homem-sorriso. Mas o sorriso surgiu antes e já provocava ajuntamentos de gente na avenida Rio Branco, no Rio, quando Sílvio era camelô. Só não sorria quando chegava o rapa. Mas foi o chefe do rapa que, ao prendê-lo, percebeu que estava diante de um garoto vivo e inteligente. Ao invés de mandá-lo para o Juizado, encaminhou-o a um amigo, diretor da Rádio Guanabara, onde Sílvio começou sua carreira ,como locutor.

Desde aquela época, até hoje, a mesma preocupação com a eficiência: "Não tenho compromissos com ninguém, nem comigo mesmo. Se amanhã o empresário Sílvio Santos achar que o animador Sílvio Santos não está dando o resultado esperado, vai substituí-lo por outro".

Impressão

O "Diário Popular" esqueceu de mencionar, entre as razões do sucesso de seus classificados, a contribuição do "Estadão", que lhe cedeu a maior loja de anúncios do país. E o "Folhetim" abandonou o esquema Pasquim-com-menos-humor-e-mais-azedume.

O número desta quinzena de Anúncio, a revista dos publicitá rios sulinos, traz uma interessante entrevista de Armando Ferrentirio, do Diário Popular, explicando como seu jornal con-seguiu a liderança do mercado anúncios classificados em São Paulo, nos dias de semana. Segundo Armando, a tradição do Diário Popular na área de pequenos classificados, permitiu que, com uma boa campanha publicitária e abertura de novas lojas (balcões), crescesse o volume de classificados apesar da crise. Faltou mencionar como importante contribuição para esse crescimento, a cessão ao Dipo, pelo Estadão, da maior loja de anúncios classificados do país, em pleno funcionamento. É como se o Mappin mudasse na 6º feira, e a Mesbla começasse a operar na mesma loja, na 2ª fei-

• Aliás, o Estado de São Paulo" tem atualmente uma extraordinária oportunidade de recuperar sua posição comercial, abalada há alguns meses em decorrência dos problemas gráficos de sua mudança. Nada mais fácil do que vender uma publicação, que está sendo lida em todo o país pelas lideranças políticas, empresariais e intelectuais, em função do deslocamento do centro político do país para São Paulo, face ao agrava-



mento da ruptura entre a sociedade civil brasileira e o governo. Resta ver se o jornal sabe capitalizar essa confirmação de sua importância.

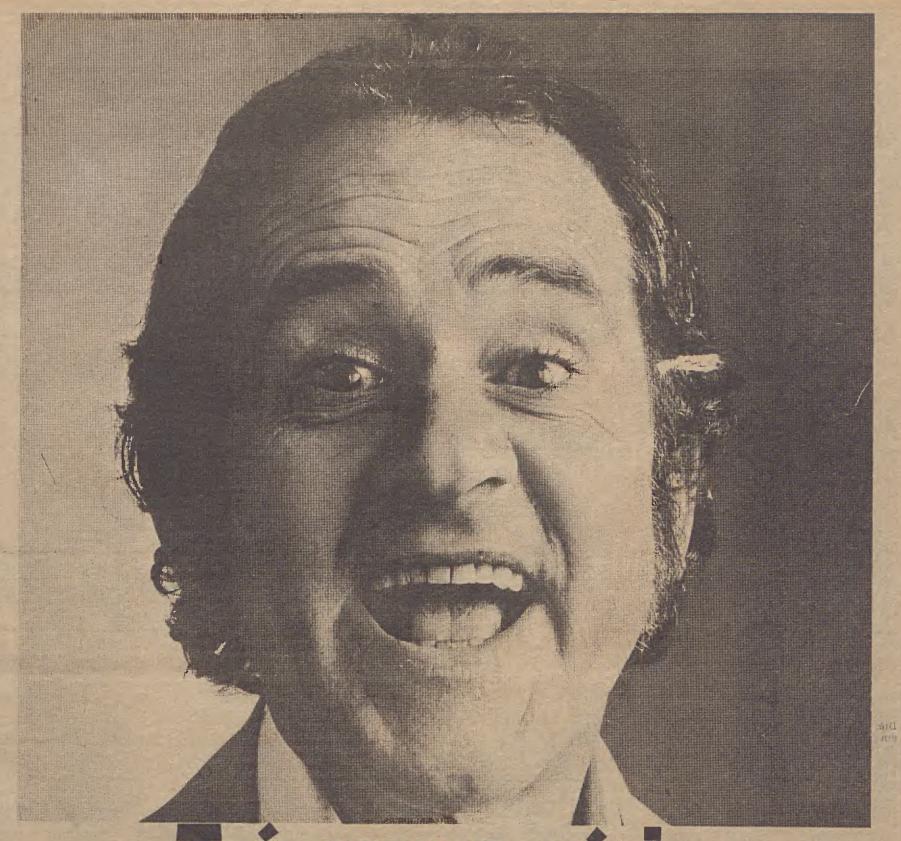
Nossos dois grandes jornais publicam suplementos dominicais diametralmente opostos. Mas há entre eles dois pontos de encontro: nenhum tem anúncios e ambos parecem ter dúvidas sobre a fórmula adotada. Assim é que há duas semanas, o Suplemento Cultural do Estadão deixou de ser a estranha mistura de artigos acadêmicos sobre ciência humanase físicas, literatura e tecnologia, artes e ecologia, para dedicar toda a edição ao

melhor trabalho sobre os 150 anos de ensino jurídico publicado no país. No domingo seguinte voltou à antiga fórmula. Já a mudança do Folhetim ocorreu esta semana, quando abandonou o esquema Pasquim-commenos-humor-e-mais-azedume, para publicar uma ampla e interessante reportagem a favor de Getúlio. De qualquer modo, os dois suplementos refletem um diferente posicionamento dos editores face ao mercado leitor: enquanto o Folhetim é uma tentativa "popularesca" de atrair leitores jovens para o jornal, o S.C. é uma tentativa "elitista" de fornecer um serviço à comunidade acadêmica paulista.

 Curiosa a disputa de mercado entre as duas publicações especializadas em tênis, ambas em seus primeiros números. De um lado uma publicação feita pelos melhores profissionais de tênis do país, e do outro, uma revistadirigida por um dos mais competentes jornalistas brasileiros, disputam a preferência de leitores e anunciantes, com dois produtos que refletem nitidamente a diferente origem de seus editores. É possível prever que vencerá a competição quem conseguir maior número de assinantes, uma vez que esse tipo de disputa dificilmente pode ser travada nas bancas.

Mario Ernesto Humberg

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 CEDEM 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28



Taium negocio que me interessa.

O Fundo Bradesco 157 tem a menor taxa de administração.

O melhor negócio é aplicar num Fundo 157 onde você já sai ganhando. No Fundo Bradesco 157 é assim. Por sua dimensão, ele tem também a menor taxa de administração. Com isso quem sai lucrando é você. Você e todos os cotistas que já participam do Fundo Bradesco 157. Quem aplica no Fundo Bradesco 157 recebe a cada 3

meses um relatório, explicando direitinho quanto vale a sua cota e como se compõe sua carteira de ações.

é fácil e cômodo.

Entre numa das 810 agências Bradesco para ser prontamente atendido.

Tem sempre uma agência Aplicar no Fundo Bradesco 157 Bradesco perto de onde você mora ou trabalha.





CEDEM 22 26 20 23 cm 110 11 12 18 19 21 24

Francisco de BARROS

Entrevista a TÂNIA NOGUEIRA Fotos de AYRTON DE MAGALHÃES

"A Billings está morta mesmo, mas vamos salvá-la no Ano 2000!"

Francisco Fernando de Barros, secretário de Obras e do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, rebate as críticas que têm sido feitas ao Sanegran - o plano que decidiu aplicar na solução do problema de esgotos da Grande São Paulo. De Diadema vêm as críticas mais veementes: vereadores e a Comissão de Defesa da Billings - formada por habitantes da região - falam até em plebiscito." "Precisamos esclarecer Diadema", diz o secretário. "O equilíbrio biológico só será atingido mesmo no ano 2000. Para a represa, a melhor solução é o Sanegran, que prevê o tratamento de esgoto antes que ele seja despejado na água da represa Billings".

A seguir, a entrevista do secretário:

Parece que a assinatura do convênio para a execução da primeira etapa do projeto Sanegran, feita pelo presidente Geisel, não foi suficiente para acabar com as discussões sobre o tratamento de esgotos da Grande São Paulo. O município de Diadema ainda protesta e pede um plebiscito. O senhor acha que essas medidas seriam capazes de retardar a execução do plano?

 "Quando nós entramos nesta Secretaria, em 1975, tínhamos como grande objetivo do governo Paulo Egydio, o desenvolvimento de um programa bastante ousado de saneamento básico. Nós já atacamos a água. Agora vamos cuidar do esgoto. E encontramos, de início, um plano chamado Solução Integrada. Ao contrário dos planos anteriores, ele previa uma estação de tratamento ao invés da deposição "in natura" dos esgotos na Billings. A idéia fundamental era a de que o esgoto deveria ser tratado antes de jogado no rio. E nós aprovamos essa idéia. A única forma de recuperar os rios era fazer com que o esgoto fosse depurado. Hoje, ele é jogado nos rios "in natura": só 5% dele é tratado. Mas a Solução Integrada não estava detalhada a nível técnico a ponto de obter um financiamento do BNH, que é o órgão que financia os programas de saneamento do país. E a Solução Integrada não foi aprovada pelo BNH.

Agora, a diferença entre o Sanegran e a Solução Integrada está, unicamente, na localização de uma estação de tratamento.
 De resto, temos a mesma filosofia. Queremos uma solução para o ABC, uma estação de tratamento em Suzano, a rede de coleta domiciliar de esgotos e os emissários para transporte. Mas não concordamos com a construção de um túnel para levar esse es-

goto até o vale do Juqueri. Esse vale não tem condições para depurar o esgoto. Por isso, mudamos o conceito. Em vez de usar uma lagoa de oxidação, usaremos uma estação de tratamento. Colocá-la no vale do Juqueri traria uma série de incovenientes. Então decidimos por Barueri."

— E em relação à Billings? O seu destino final seria o mesmo tanto na Solução Integrada como no Sanegran?

"O fundamental para o problema da Billings é que o esgoto seja tratado. Continuar jogando o esgoto como nós fazemos hoje é um crime absurdo. Foi exatamente isso que causou os onze metros de lodo no fundo da represa. Os dois projetos prevêem o tratamento de esgotos e o possível bombeamento na Billings. Mas a lagoa de oxidação não teria condições de depurar o esgoto da mesma forma que a estação. E a Solução Integrada previa uma estação somente cinco anos após terminado o túnel. Nós eliminamos a fase intermediária da lagoa para fazer uma estação de tratamento definitiva. É a única forma de recuperar a Billings: bombear água mais pura para a represa, resultante de um esgoto tratado. A Billings começará a ter uma superfície de oxigenação maior e portanto uma área de depuração cada vez maior. Então, na realidade, o que existe é um pouco de falta de informação. Por isso, estou querendo mandar um técnico da Sabesp fazer palestra em Diadema para mostrar o Sanegran a quem quer que seja.

- A Billings seria então irrecuperável?

— "A Billings seria irrecuperável se não fizéssemos o tratamento de esgoto. A única forma de salvar a Billings é bombeando para lá uma água mais pura. Sempre se discutiu sobre a Billings, mas nunca se fez nada por ela. Nós é que começamos. Nós medimos mensalmente seu índice de oxigenação e constatamos que o bombeamento pode ser condicionado.

— Em 1975, a Billings tinha 65% de sua área sem oxigênio. Hoje já reduzimos para 37%. Em época de chuva já chegou a ter 19%. No corpo central da represa, existem 11 metros de lodo. Então iremos seccionar os braços da Billings para que sua água pura possa abastecer a Grande São Paulo. E, como o recebimento de água mais depurada, a própria represa começa a se autodepurar.

- Fizemos também uma simulação em nossos computadores para saber quando a Billings será recuperada. Ficou evidenciado que, fazendo o tratamento de esgoto com todas as medidas preventivas de cerceamento, lá pelo ano 2000 a represa começará a ter um sistema de equilíbrio biológico. Quer dizer, ela estará com oxigênio na superfície e estará digerindo seu próprio lodo.

 Outra crítica feita ao Sanegran é que a construção de uma estação de tratamento dentro do perímetro urbano, junto a Barueri, submeteria a população local a mau cheiro.

 "Engraçado. Eles falam da estação de Barueri mas não falam da de Suzano, do ABC. Não falam da estação de Pinheiros que é de tratamento primário e que não cheira. O que cheira é o Tiête. E se esquecem que Tóquio, Paris, têm estações dentro do perímetro urbano. As estações de tratamento são tecnologicamente avançadas. Nós estamos construindo a nossa em módulos para que possamos aumentá-la à medida em que a cidade for crescendo. Ou modificá-la com o advento de novas tecnologias. Escolhemos Barueri porque é uma área que tem ótimas cavas de areias para jogar lodo; porque é uma área praticamente do Estado, uma área insalubre, de água parada, sujeita a enchentes. É também um local próximo para trazer o esgoto por tubulações subterrâ-

E a diferença de custo de um plano para outro?

— "Quando dizem que a Solução Integrada é mais barata é porque deixam de computar os custos básicos da construção da rede de coleta domiciliar, dos emissários e das estações. Na verdade, o Sanegran fica 4 bilhões mais barato. O que significa 28% a menos por metro cúbico.

 Estão dizendo também que a estação de Barueri seria a maior do mundo, com uma vazão de 63 m³/s. O que vamos construir é uma estação que vai ter 63 m³/s no ano 2000. As maiores estações do mundo têm hoje 30 m³/s. O que vai serr construído em Barueri é um módulo com capacidade de 7 m³/s. Quando a nossa chegar a 60 como é que estará essa que hoje tem 30? Muitos discutem também o custo do projeto: 70 bilhões no valor de hoje, até o ano dois mil. O que se estará investindo em escola, em metrô, em enchentes, em água no ano dois mil? Aí dá para comparar. Agora, por que essas pessoas não apresentaram suas críticas em público? Elas teriam ouvido essas respostas. Nós convidamos mas eles não apareceram. O plano começou no governo do Laudo, e a ordem que ele deixou foi: prossigam esses estudos. Não houve nenhuma modificação política. Tanto é que 80% do Sanegran é detalhadamente das idéias filosóficas da Solução Integrada"

CEDEM 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 CEDEM 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

BASIIDORES

José Carlos Bittencourt

Off-the-record

Numa roda de políticos discutia-se, dia desses, o tema do momento: a sucessão presidencial e suas consequências para o Estado de São Paulo, ou seja, a sucessão do governador Paulo Egydio Martins. Um dos políticos — geralmente muito bem informado — simplificou a questão, ao sentenciar:

'Se der o general Figueiredo, Laudo voltará ao Palácio dos Bandeirantes; se não der Figueiredo, Paulo Egydio fará o sucessor, e não será o prefeito Olavo Setúbal". Apesar da insistência dos circunstantes, mais não revelou. E permaneceu calado até o fim da reunião.

Para anotar

Estranhou-se a ausência do presidente da Assembléia Legislativa do MDB paulista, deputado Natal Gale, na reunião dos presidentes regionais do partido, realizada em Brasília. Natal acabou enviando um representante, o líder oposicionista Robson Marinho, a um encontro em que não cabiam tais "representações". Alegou-se a existência de "compromissos inadiáveis", mas a ausência de Natal teria se devido a problemas relacionados com ''punhos de rendas''. Ou seja: Natal pretendeu '' devolver'' supostas ''desaten-ções'' do presidente nacional do MDB, deputado Ulysses Guimarães, que recentemente passou "voando" pela Assembléia a fim de cumprir compromisso assumido com alguns jornalistas, a quem prometera uma entrevista. E - pecado dos pecados - Ulysses não passou pela Sala da Presidência para cumprimentar o deputado Gale. Que esperou e deu o "troco". Parece piada mas - infeliz-

Notazero

Para os radicais de extrema esquerda ou extrema direita (ambos visando aos mesmos objetivos, ou seja, a instalação dum regime duro), cujas ações se vislumbram nos movimentos estudantis. A tentativa de recrudescimento da crise universitária em todo o país, esta semana teria como objetivo principal das extremas, a obtenção dum "cadáver de ouro", que seria devidamente manipulado pelos profetas do nada.

Notadez

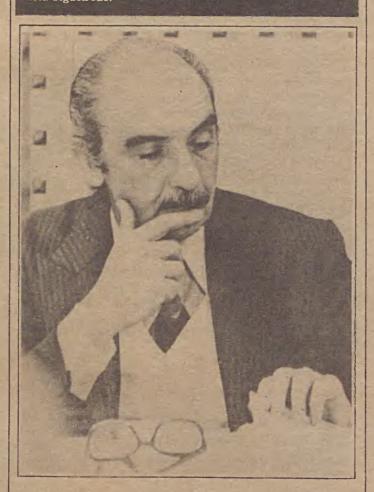
Para o governador Paulo Egydio Martins, que numa ação absolutamente sintonizada com os novos ventos democratizantes do Palácio do Planalto, rompeu o silêncio político que jejuava há vários meses e depois de condenar os radicalismos de extrema direita ou extrema esquerda, abriu o debate visando à formação de novos partidos políticos de baixo para cima. Ou seja: prepara terreno para dar continuidade ao processo de distensão gradual do presidente Ernesto Geisel, que deverá contar com cores mais firmes ao se definir, no final de janeiro do próximo ano, o seu sucessor. As declarações de Paulo Egydio tiveram — óbvio - repercussão nacional, levando-se em conta quem falou. Uma das alternativas em exame seria a disputa das eleições parlamentares de 1978 sem partidos políticos. Em seguida, os eleitos se agrupariam naturalmente em quatro ou cinco facções.

Rigorosa e absolutamente verdadeiro:

As declarações feitas em Campinas pelo governador Paulo Egydio Martins, defendendo a criação de novos partidos políticos, para permitir uma melhor representação das correntes brasileiras de pensamento, não foram surpreendentes, à medida em que o próprio governador nunca escondeu seu desalento com o atual sistema bipartidário artificial. Ou por outra: defendeu, isto sim, o regime bipartidário em instantes em que julgava o sistema ainda eficiente e não totalmente "testadi". Já os setores políticos bem informados (incluindo-se expressivas figuras da Arena e do MDB), aguardavam essas declarações de Paulo Egydio, antecipadas por várias ações administrativas nas quais prefeitos oposicionistas viram seus municípios beneficiados pela libertação de verbas vultosas. Entre esses municípios, destacam-se Campinas, São Caetano ado Sul e Osasco. Na área parlamentar estadual nunca foram tão boas as relações entre o presidente da Assembléia Legislativa, deputado Natal Gale, do MDB, o lider do Governo e da Arena, deputado Natal Gale, do MDB, o lider do Governo e da Arena, deputado Natal Gale, do MDB, o se governador Paulo Egydio Martins. Ou seja: rompida a "camisa de força" imposta aos políticos pelo sistema bipartidário, os vários grupos que integram Arena e MDB estarão à vontade para se reagrupar em novas agremiações que exprimam mais evatamente a cua integram Arena e MDB estarão à vontade para se reagrupar em novas agremiações que exprimam mais exatamente a sua linha de atuação.

linha de atuação.

Na área estadual, especula-se mais: dos atuais secretários classificados de "políticos", seguiriam o governador rumo a um novo partido o secretário do Interior, Rafael Baldacci, o chefe da Casa Cívil, Afrânio de Oliveira, e o secretário do Trabalho, Jorge Maluli Neto. Num partido próximo ao antigo populismo-ademarista, se integrariam figuras como o exgovernador Laudo Natel e os atuais secretários da Administração, Ademar Filho, e do Turismo, Ruí Silva. A não se - e política é a arte de conversar e se entender - que os sucessivos encontros em torno do governador Paulo Egydio Martins, dando-lhe possibilidade política de fazer o sucessor mesmo que o futuro presidente da República seja o general João Batista Figueiredo.





Pesa sobre os ombros. do secretário político, o antigo socialista Rafael Baldacci, as grandes esperanças de um acordo para que o governador Paulo Egydio faça de Olavo Setubal o seu sucessor, "com ou sem Figueiredo" - conforme se z. Mas, para o lado que outro secretário político pender, estará o vencedor. Quem Ademar de Barros Filho apoiará, Laudo ou Egydio?

Ertrelinhas

"Novela" do TC
Espera-se, na Assembléia que esta semana termine a verdadeira "novela" em que se transformou a indicação de Aécio Menucci para o Tribunal de Contas do Estado. O MDB não tem como rejeitar a indicação governamental, por se tratar de ''nome técnico'', já integrante há vários anos do TC. Quanto a alguns oposicionistas, que pretendem 'indicar' os novos conselheiros, não podem ser levados a sério.

Maluly, secretário mais "honrado" O secretário do Trabalho, Jorge Maluly Neto, acaba de receber o seu 90º título de cidadão, em São José do Rio Preto, no curto período de dois anos. Trata-se, evidentemente, do secretário mais agraciado por essas honrarias no atual governo.

> Ueki aguarda relatório paulista

De Brasília informa-se que o Ministro das Minas e Energia, Shigeaki Ueki, está aguardando um amplo relatório sobre o panorama energético no Estado de São Paulo, que lhe seria enviado pelo governador Paulo Egydio Martins. Diante de tal documento, o Governo Federal poderia liberar novos e importantes investimentos no setor, aqui no Estado, principalmente tendo-se em vista que Itaipu só deverá começar a gerar energia em 1983 (conforme os cálculos mais otimistas do próprio Ministério).

MDB participará da reforma da Carta

Informa-se que a ala mais moderada do MDB (leia-se Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, etc.) não se furtará a entendimentos com a Arena (leiase Governo) para a aprovação de emendas constitucionais destinadas a institucionalizar a Revolução, mesmo que não se convoque uma Assembléia Nacional Constituinte. De imediato, essa informação poderá ser desmentida, mas o tempo se encarregará de confirmá-la. Desde que mantidos determinados parâmetros democráticos, o MDB poderá aceitar algumas proposições consideradas "necessárias" pelo Sistema, a fim de promover a abertura democrática (hoje já condicio nada ao enterro de primeira classe do bipartida rismo artificial).

Torloni: chamado
a sacudir as crises
O ex-vice-governador Hilário Torloni, secretário da Educação da Prefeitura de São Paulo, volta a ser procurado pelos meios políticos como uma das "mais eminentes cabeças da política paulista". Depois de concorrer ao Senado em 1970 (quando se elegeram Franco Montoro e Orlando Zancaner). Torloni ficou praticamente afastado. Zancaner), Torioni ficou praticamente afastado do "front" político durante esses sete anos. Considera-se que, agora, passado o "período de curtição", o experiente Torioni (ex-ademarista) aceite a "reconvocação) e coloque a sua verda deira "máquina pensante" a trabalhar visando à curprocação do impresso político. Para guera para superação do impasse político. Para quem não sabe: na "velha" Assembléia, Torloni era considerado o "oráculo" do Palácio Nove de Julho. E sacudia crises com a mesma tranquilidade com que sempre sacudiu as cinzas de sua inevitável

Murillo, a marca da conciliação

 O secretário da Fazenda de São Paulo, Murillo Macedo, já está com sua "marca registrada": é, hoje, neste Estado, um dos mais intransigentes defensores da "conciliação à mineira". E este foi exatamente o clima existente em Sete Lagoas, MG, congraçando mineiros, paulistas, Arena e MDB. "Este - diz Macedo - é o país que estamos querendo!'

O porquê das ligações

• Semana passada, o extremado deputado nval Boaventura, foi denunciado na CPI de ter ras da Câmara Federal por expulsar 200 famílias de uma área no interior de Goiás. Fulminante, um político arenista pontificou: "Agora entendo melhor as ligações entre Sinval, criador de gado, o deputado fluminense Eduardo Galil e o governa-dor goiano Irapuã da Costa Júnior'' Aliás, há alguns meses, em SP, ao participar de um programa de televisão (Diálogo Nacional, Canal 7) Galil só teceu loas e mais loas a um Irapua que só "fu-gia" de perguntas políticas à base do "eu sou revolucionărio". Deu pra entender?

10 18 19 20 21 22 23 24 25 26 11 cm

O REI ESTÁ NU!

Como Penélope, o Governo faz e desfaz sua colcha política, já cheia de remendos. O próximo: a reforma constitucional.

Aconteceu, mas não surpreendeu a I ninguém: dia antes da visita do subsecretário de Estado americano ao País, e alguns dias após o anúncio da incorporação da Constituinte como plataforma pelo MDB, o presidente do "maior partido do Ocidente" anuncia a intenção oficial do Governo em promover uma revisão constitucional. A reforma seria referendada pelo Legislativo a ser eleito em 78, sem recorrer a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte.

Na verdade, de há muito já se esperava que o Governo encampasse a tese da Constituinte. Desta maneira se desarmariam todos os setores que julgavam necessária a institucionalização política do País, realizada por eleições gerais livres.

Também no campo das organizações político-partidárias, o Governo tenta tirar a iniciativa da Sociedade Civil. Nesta direção, o presidente da Arena não excluiu, em seu pronunciamento, a possibilidade de algumas 'alterações no quadro partidário"

As declarações do senador Daniel Krieger, tradicional porta-voz de camadas liberais no atual Governo, são mais significativas do que as de Francelino Pereira. No fim de semana, o ex-líder gaúcho da UDN e expresidente da Arena no Governo Castello Branco, reafirmava sua crença no pluripartidarismo. Assim, podemos ter quase certeza: os novos partidos estão aí.

Contudo, a própria reformulação partidária é uma demonstração da impotência do Governo. Afinal, Arena e MDB foram criados artificialmente pelo Ato Institucional nº 2, em 1966, que extinguia todos os partidos anteriores. Somente à memória curta passa desapercebido o casuísmo do Governo, que para se manter com as rédeas na mão, precisa reformular à noite o que ele mesmo postula à luz diária dos acontecimentos políticos da Nação.

Como Penélope, que prometia a mão aos seus pretendentes tão logo terminasse de tecer a sua túnica, o Governo continua prometendo um retorno pleno à democracia, tão logo acabe de tecer os supostos retoques em sua política institucional. Como Penélope, o Governo costura e descostura os remendos de sua colcha política, na expectativa de retardar qualquer decisão definitiva, fatalmente prejudicial. Como Penélope, Ulisses, para salvá-la do assédio de seus concorrentes, o Governo aguarda a sucessão presidencial, para salvá-lo pelo menos durante algum tempo dos assédios dos críticos do regime.

A nossa penélope ja "enviuvou" três vezes nestes treze anos, o atual consorte está com os dias contados, e as roupas do rei estão desfeitas de tão remendadas. No fundo, o rei está nu.

Distraindo as atenções da nudez própria, na vã tentativa de não admiti-la, o Governo reconhece o despudor de seus antecessores. Assim, o próprio Ministro da Fazenda reconhece a falsidade da política salarial em 1973, ao mesmo tempo em que seu colega do planejamento afirma peremptoriamente não haver qualquer intenção de repor o poder aquisitivo dos trabalhadores lesados. Também durante o governo Médici, acusava-se o Mal. Costa e Silva como responsável pelos desmandos ocorridos, e uma das funções que aguarda o governo futuro será de localizar no atual a responsabilidade pelos desvios ocorridos na institucionalização

Personalizando a culpa, e desta forma também a política, acredita-se que, na medida em que as pessoas do Governo vêm e vão, também os problemas passam. Por isto, a sucessão é uma esperança, ao mesmo tempo em que constitui o maior dos problemas, porque decide quanto às mãos em que vão ficar as rédeas por mais alguns anos. Neste sentido, não se exclui, inclusive, que a rápida adesão ao clima de reforma constitucional seja uma hábil manobra para distrair as atenções da sucessão, para assim promover um ou outro nome na calma e tenebrosa política dos

De qualquer maneira, a pressa em promover uma reformulação constituinte, sem atender às reais necessidades da Nação que só a mais ampla liberdade de expressão e organização de todos os setores sociais pode determinar, é benéfica a priori apenas para o Governo. E, naturalmente, também para aqueles cujos interesses são contrários à liberdade de organização, que usam apenas como mote abstrato em suas cantorias de-

Muitas vezes a liberdade de escolha é formulada abstratamente, mas na prática as opções não existem.

No momento em que o prório Governo precisa recorrer abertamente à reformulação Constitucional, ao. mesmo tempo em que tenta disfarçar a sua nudez, ele a expõe. Cabe aos vários setores sociais fazer com que as promessas liberalizantes não se configurem apenas abstratamente, mas que venham realmente corresponder às necessidades efetivas da Nação. E estas, como já dissemos, só poderão se afirmar na medida em que houver na prática concreta a mais ampla liberdade de expressão e organização. Só então uma Assembléia Nacional Constituinte livremente eleita poderá determinar os rumos políticos do País de acordo com os reais interesses da Nação.

Wolfgang Leo Maar



Uma classe bem comportada

O Ministro Mário H. Simonsen esteve presente no Congresso Nacio-nal. Diante de si, um plenário ocupado por apenas 70 deputados, quando a lista de presença acusava 267. Este desinteresse possibilitou o rotineiro espetáculo de uma classe de alunos bem comportados, incapazes de exigir do professor algo mais do este tenha preparado para a aula.

Houve algum esclarecimento sobre a natureza de nossas atuais dificuldades econômicas e suas possíveis soluções? Vejamos:

O problema da manipulação dos índices de custo de vida e inflação em 1973, por exemplo, teve seu debate encerrado com uma explosão generalizada de risos! No entanto, o nomento era para, pelo menos, esclarecimentos maiores, no sentido de se procurarem soluções para a re-posição dos salários rebaixados de

todos os trabalhadores brasileiros. Quanto à hipertrofia do sistema financeiro, nada foi dito sobre as raizes de seu desequilíbrio, que provo cou, e possivelmente ainda provoca-rá, muitas "coberturas" de financei ras falidas, à medida em que se ini-cie um verdadeiro plano de eliminação do festim especulativo em que

vive há muito tempo este setor. Sobre a dívida externa, as discussões ficaram no campo das suposi ções de ajustes monetários do Balano de Pagamentos. As discussões poderiam ter sido de outra natureza? 'Monetariamente pensando'', os ar-gumentos são muitos convincentes Vada parece centralizar a abstração teórica de que o Balanço de Pagamentos pode permanecer em equilíbrio indefinidamente, mesmo que a Dívida Externa cresça para 40 ou 90 bilhões de dólares, por exem-

Como seríamos felizes se esta abs tração tivesse alguma relação com a realidade! Bastaria mantermos um razoável equilíbrio na nossa Balança Comercial — importações e exportações de mercadorias - todos os nossos amigos do resto do mundo nos enviariam "poupanças externas". Consumiriamos então, indefinidamente, o que as outras nações produziriam e deixassem de consumir.

Um bom economista podería argumentar que isto é possível, desde que esta "poupança externa" não está sendo consumida em nosso país com bens de luxo, supérfluos, mas sim em forma de investimentos, de modernização e crescimento de nosso amortizações da dívida, que neste capital produtivo, tanto o industrial ano deverão estar entre 4,5 e 5 bicomo o agricola.

Primeiramente, este é um argunento extremamente duvidoso, Aliás, as próprias raízes da inflação e da hipertrofia do nosso sistema fi-nanceiro podem ser encontradas na verificação do que existe de irreal neste argumento. Mas deixemos, por enquanto, esta dúvida de lado. Mesmo considerando como pertinente a alegação de nosso sábio economista que ele esqueceu de acrescentar é até quando continuaremos a receber ajuda" de nossos amigos de fora.

Haveria até uma boa resposta para esta questão. Considerando-se ainda a compreensão das outras nações para com o nosso crescimento, o que se poderia responder é que continuariamos a receber o "fruto da abstinência dos outros povos" enquanto estivésemos crescendo.

Seríamos ainda obrigados a con cordar com esta resposta, desde que alarguemos um pouco mais este conceito de investimento produtivo. Como é do conhecimento do nosso prático economista, os capitalistas industriais e agricolas obedecem a uma regra elementar em economia quando a taxa média de lucros na sociedade está acima da taxa média de juros, eles investem na produção, para produzir mais do que antes temos então a situação que estáva-mos imaginando até agora; mas quando a taxa de juros se aproxima da taxa de lucros, a tendência natudos capitalistas é interromper seus investimentos produtivos.

Os "industriais inovadores" de Shumpter transformam-se então em rentistas, pelo menos aqueles que tiveram a perspicácia de perceber em tempo o movimento que descreve-mos. O investimento produtivo desaparece, para dar lugar aos investimentos especulativos.

Nosso hipotético interlocutor co-meça então a olhar em sua volta, à realidade que o cerca e começa a matutar em outro conceito mais correntemente utilizado em nossos dias, o de desaquecimento da economia. Com um pouquinho mais de esforço mental, ele começa a se preocupar com o que pensarão de tudo isto os nossos amigos que deixaram de consumir para ajudar no nosso cresci-mento. Daí ele caminha para preocupações mais ousadas; por exemplo, como pagaremos os juros e

ano deverão estar entre 4,5 e 5 bi-lhões de dólares? Ele computa mais dados disponíveis e verifica que nos sas exportações alcançarão "algo em torno" de 12 bilhões de dólares. Ótimo, estamos salvos, pois teremos quase 7 bilhões de dólares "sobrando". Poderíamos até aproveitar para amortizar ainda mais a dívida, com

Após um suspiro de alívio, ele é violentamente solicitado a voltar às preocupações anteriores, quando embra que um país não vive só de exportações; teremos de pagar no fim do ano também as nossas importações, no exato montante de 12 bi-lhões de dólares das exportações, considerando-se o equilíbrio da Balança Comercial. Na cabeça de nos-so economista, a "sobra" de 7 bi-lhões de dólares se transforma rapi-damente em "falta" de 5 bilhões de dólares, exatamente o que deveremos pagar de juros e amortizações. Como então pagar a Dívida, no

momento em que nossos amigos desconfiam da natureza de nossos investimentos? O incansável economista não se dá por vencido e procu ra outros princípios nos seus manuais. Encontra o princípio primário que estipula que a única fonte de recursos para pagamento de dívidas nacionais é um superávit na Balança Comercial, ou seja, que as exporta-ções sejam maiores que as importa-ções. Verifica então que não é o equilíbrio da Balança Comercial que nos dará os recursos para pagar nos sos amigos, mas que vendamos mais mercadorias ou aumentemos seus preços, ao mesmo tempo em que compramos menos, ou eles diminuem seus preços. Será que nossos amigos aceitariam

este jogo? O esperto economista veri fica desolado que dificilmente acei tariam, pois agora estão com o mesmo problema em suas Balanças Co-

E então? De um lado não podemos crescer como antes, e do outro, não podemos dispor de recursos advindos do comércio internacional, para pagar nossa divida.

A pergunta natural, que nossos deputados deveriam ter feito ao nosso Ministro, teria sido a de toda a população: quem vai pagar a conta? Mas alunos bem comportados não

fazem perguntas indiscretas.

José Antônio Martins

10 18 19 20 26 cm

Preferência Estadual.



Caderneta de poupança, financiamento de casa própria, crédito pessoal, crédito rural, bolsas de estudos.

É por tudo isso e muito mais que todo mundo sempre procura uma agência da Nossa Caixa para resolver o problema. E resolve.

Se você também tem aquele probleminha que anda tirando o seu sono, procure uma das 562 agências da Nossa Caixa, hoje, uma das três maiores instituições financeiras do País. E operando apenas no Estado de São Paulo.

Você não pode perder esta oportunidade de descobrir as inúmeras razões desta preferência estadual.

A Nossa Caixa

"Ele Confirmou: Só Morto Sairia do Catete. Getúlio Vargas Suicidou-se!"

Vou fazer um flash back. No dia 24 de agosto, às 8h24, tocou o telefone. Era um repórter chamado Luis Costa, que eu tinha destacado pro Palácio do Catete. "O presidente acabou de se suicidar". Eu fiquei absolutamente sob controle, desci correndo na oficina pra mudar a primeira página, porque a primeira página dizia: "Getúlio deposto". Quando desci pra oficina, no segundo andar, a rádio já anunciava, e já havia dois operários ao lado desmaiados de emoção. E eu me lembrei que, na véspera, dia 23, eu tinha dado uma famosa manchete que dizia: "Só Morto sairei do Catete". Então, pra não dar tempo de criar mais páginas, eu peguei a mesma págiņa de véspera, que estava guardada na calandra e joguei pra primeira página. E botei: "Ele confirmou: So Morto Sairei do Catete. Getúlio Vargas suicidou-se"

No dia 22, no auge da crise, eu passei a noite inteira no jornal, mudando manchetes: "Deposto", "Golpe", "Renúncia" e à medida que a noite avançava nada se confirmava.

Havia no ar até um certo clima de amortecimento do choque. O Maneco (Maneco Vargas, filho de Getúlio. NR) disse que trazia um recado do pai, que ele chamava "o chefe", e que era o seguinte: o pai tinha feito uma declaração na reunião do Ministério em que dizia que só morto sairia do Catete. Isso é importantissimo, porque aquela declaração era o sinal para a reação armada contra o golpe. Era preciso divulgá-la para o povo tomar conhecimento. Perguntou se eu publicaria na Última Hora esta manchete; no dia seguinte, 23 de agosto. Eu não conhecia a declaração, que tinha sido feita dentro do Palácio. Aquilo podia servir de senha para o início da reação popular, era a idéia de que Getúlio, podia morrer. Estava cansado, estava exausto. Eram noites e noites sem dormir. Eu disse: "Bom, a manchete é maravilhosa, eu pago por ela, mas, isso pode dar empastelamento, uma série de coleas". Porque a reação estava na rua, entende? Havia quase que patrulhas armadas do Exército e da Aeronáutica. Eu disse: "O Jornal foi fundado pra defender o Getúlio, vivia com ele, morro com ele, não há problema nenhum". Nem nós cogitávamos que seria suicídio. Eu vou pro jornal mudar as manchetes. Ele, Maneco, disse: "Bom, tu mudas a manchete que, amanhã, dia 23, viremos aqui as 8h 30 pra confirmá-la". Seria o sinal da resistência, no dia 24, porque eles esperavam o começo

Mas o jornal do dia 24 acabou saindo com aquela manchete famosa, e circulou mais de 750 mil exemplares. (Recorde brasileiro de circulação, Última Hora do Rio de Janeiro. NR). E nem chegou a ser distribuído porque o povo arrancava os exemplares das camionetas que ficavam cheias de dinheiro.

Aí chorei, tive um acesso de choro só, rápido. Não foi porque estava tenso demais, mas porque eu tinha dado o ciclo de uma vitória, de uma jornada jornalística inédita. Eu estava, historicamente, perfeitamente realizado. Daí por diante podia acontecer o que quisesse.

Também, pela primeira vez na imprensa brasileira, um



jornal foi lançado (em 1952, NR), com editorial na primeira página assinado pelo Presidente da República. Porque no primeiro número o Getúlio me mandou uma carta que começava: "Meu caro amigo Wainer". E me dizia o que deveria ser a imprensa. Úm pouco empolada. Acho que o Lourival Fontes andou contribuindo, porque o Getúlio era muito simples na sua maneira. Mas uma carta importante, que saiu como editorial no primeiro número, lançado por um Presidente da República. É preciso que essa gente não esqueça isso. Tal era a confiança que ele depositava na minha qualidade de jornalista.

A morte de Getúlio realmente encerrou um período pelo qual havia, vamos dizer, uma perspectiva de encerramento. Não havia continuidade. A própria sucessão de Getúlio não pintava como tendo a menor possibilidade da continuação do getulismo. O Getúlio, com a morte dele, realmente deu continuidade mais ao getulismo do que a ele. Aliás, na minha vida, realmente, o que prezava, a única coisa que me dava sensação

e um pouco de orgulho é a de ter participação disso e de ter sido, nos últimos anos um dos últimos homens ligados ao Getúlio que sobreviveram a toda tragédia e continuaram com a mesma convicção getulista.

Getúlio foi o mais importante acontecimento histórico da vida brasileira. Ele marcou um caminho do qual o Brasil não sairá mais, por mais que se desvie, que faça ziguezague. Acho que ele foi altamente positivo. Não há na história do Brasil moderna, pelo menos um exemplo igual de influência, em profundidade, em extensão.

Me alegro, me honro, é a coisa que eu conto a meus filhos com maior orgulho, e que eles têm maior orgulho. Mais do que ter feito um grande jornal, mais do que ter estabelecido um princípio de religião na imprensa brasileira, foi ter participado do grande retorno de Getúlio, e ter vivido a grande aventura jornalística. Eu não só me alegro como acho que justifica todo eventual sofrimento que eu tenha tido em todas essas campanhas, de desgaste, em todas essas lutas — eu poder dizer a meus filhos que participei da volta de Getúlio e da sua continuidade no tempo mesmo depois de morto, porque a "Última Hora" ainda sobreviveu ao Getúlio quase 20 anos. E prova que o instrumento estava muito bem alimentado por uma filosofia que lhe deu sobrevivência, que não seria possível se não fosse boa.

Samuel Wainer

(Extraído da entrevista de Samuel Wainer, fundador do AQUI São Paulo, es suplemento Folhetim do jurnal Folha de São Paulo, de 21/8/77, e concedida aos jornalistes Tarso de Castro e Nelson Merlin.)

m 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 **CEDEM** 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

Por F. Zenha Machado Fotos: Arquivo Particular As 24 horas que abalaram o Brasil para sempre

Presidente deu um tiro no peito! Enquanto as ondas da Rádio Nacional, na manhã de 24 de agosto de 1954, levavam a noticia a todo o povo brasileiro, havia aqueles que - mesmo tocados pela "horrenda comoção"- cumpriam seu dever profissional.

Zenha Machado, repórter do Diário Carioca na década de 50, deixou-nos um dos mais preciosos documentos sobre o suicidio de Vargas. Seu relato, que aqui publicamos condensado, mostra um jornalista quase que onipresente, testemunhando tudo e de tudo obtendo testemunhos, a maior parte do tempo dentro do próprio Palácio do Catete, algumas vezes dentro mesmo do quarto do Presidente, ouvindo cochichos de corredores montando minuto a minuto, hora a hora, os últimos momentos do maior estadista que o Brasil conheceu.

Seu livro (Os Ultimos Dias do Governo de Vargas - a crise política de agosto de 1954, Editora Lux, RJ, 1955) pode ser dividido em duas partes: os últimos 20 dias; e as últimas 24 horas. O minucioso, tenso seco e por isso mesmo dramático relato refere-se às últimas 24 horas. Para que não se perca, porém, o quadro todo da crise que culminou no suicidio, apresentamos antes um breve resumo da primeira parte do livro:

Aos primeiros minutos da noite de 5 de agosto, morre o Major Vaz, 32 anos, da Diretoria de Rotas Aéreas da FAB, espécie de "homem de segurança" do então diretor da Tribuna da Imprensa e candidato a deputado nas eleições que se realizam dai a dois meses: tratava-se do famoso atentado da rua Toneleros, dirigido contra Lacerda.

Lacerda era o maior inimigo do Governo e, como veio a ficar demonstrado após a maior investigação policial-militar já realizada até ali no Pais, o mandante do atentado tinha sido Gregório Fortunato, chefe da sua Guarda Pessoal. Ele encarregara os pistoleiros Climério, Soares e Alcino de executar o crime, conforme depoimento do irmão de Vargas, Benjamim. Gregório lhe teria dito: "Eu sou o culpado; eu engendrei isso para dar sumiço nesse sujeito". No atentado, Lacerda havia apenas levado um tiro no pé.

- 'Esse tiro no pé de Lacerda foi um tiro nas costa do Governo'

Foi a primeira reação de Getúlio, que em seguida determina todas as facilidades para a apuração do atentado, abrindo inclusive as portas do Palácio do Catete para os encarregados do Inquérito.

As investigações desenvolvem-se na base aérea do Galeão, num "aparelho" policial militar que passou para a história como República do Galeão. As pressões, à medida em que seguem os trabalhos do IPM, são cada vez maiores: primeiro Lacerda, em artigos inflamados, depois a oposição no Parlamento, e por fim oficiais-generais das três Armas - a oposição em peso exige: renúncial Mas, tal como não se cansaria de repetir, o Presidente não admitia outra saida conforme declarou a Lourival Fontes, chefe de sua Casa Civil, o primeiro a sugerir a hipótese de renúncia, na noite de 9 de agosto, 15 dias antes portanto:

-"Hoje eu sou Presidente constitucional. Não ficarei no Governo nem um dia a mais nem um dia a menos do meu mandato. Vou lutar nas ruas e daqui só sairei morto."

Quando a segunda-feira amanhece ninguém havia dormido no Palácio do Catete, que continua isolado pela Policia do Exército. Cedo pela manhã vem ao Palácio o Ministro da Marinha Guillobel, que com outros oficiais havia passado a noite no ministério.

Em sua residência, ainda antes de barbear-se, Zenóbio

Enquanto eu for Ministro da Guerra, não haverá golpes nem desrespeito à Constituição. Eu não tenho medo de cara feia. Já lutei na Itália, à frente de meus comandados, e nunca senti medo'

Informa ainda Zenóbio que dois dias depois, a 25 de agosto, quando o Exército comemoraria o "Dia do Soldado", realizar-se-ia o desfile militar já marcado, ao qual compareceria o Presidente

Na cidade do Rio de Janeiro e no resto do país, o clima é de apreensão. Notícias sobre os acontecimentos são irradiadas a todo momento. Começam a circular boatos de que o Governo estaria cogitando de decretar estado de sítio, suspendendo as garantias constitucionais. O Deputado Gustavo Capanema, líder da Maioria na Câmara, em grande atividade, avista-se com Zenóbio, com o Ministro da Justiça Tancredo Neves e o Chefe de Policia, coronel Paulo

À tarde, no Senado, o Vice-Presidente Café Filho pronuncia um discurso, sobre a proposta de renúncia conjunta e a recusa do Presidente. Diz que, "a qualquer momento, tudo poderá precipitar-se, na voragem de surpresas desagradáveis", e acrescenta que "como poderia parecer que a minha pessoa estava sendo obstáculo a uma solução da crise" (*), tomara a iniciativa de procurar o Presidente para levar-lhe "não só as impressões colhidas em contato com os chefes militares e os líderes políticos de maior responsabilidade, mas propor-lhe também uma fórmula concreta, em que, acima de quaisquer sentimentos pessoais ou partidários, se colocassem os sagrados interesses nacionais. Essa fórmula consiste na renúncia simultânea do Presidente e do Vice-Presidente da República, de modo a permitir, de acordo com a Constituição, a eleição de um novo Presidente dentro de trinta dias, para o término do período pre-

. À mesma hora o Deputado Afonso Arinos discursa na Câmara, como líder da minoria. Expressa ele o "reconhecimento e admiração do povo brasileiro" para com as Forças

Depois de dizer que a solução para a crise deve corresponder "a todas as possibilidades do engenho do mundo político e da prudência e honra da Forças Armadas", diz que "não haverá estado de sítio, porque o Governo não o pode pedir, uma vez que reconhece não haver desordem e porque nós não lhe poderemos dar esta medida; não haverá suspensão das garantias constitucionais, porque dentro delas temos de resolver este problema que não criamos, pois foi estabelecido pelo colapso da administração e pela imoralidade do círculo governativo que se veio revelar".

Concluindo o discurso diz o lider da minoria que "ou encontramos uma solução convergente, uniforme e dignificante" ou "caímos em uma etapa de tragédia, de sangue e de miséria incomparavelmente pior do que todas as qué te-

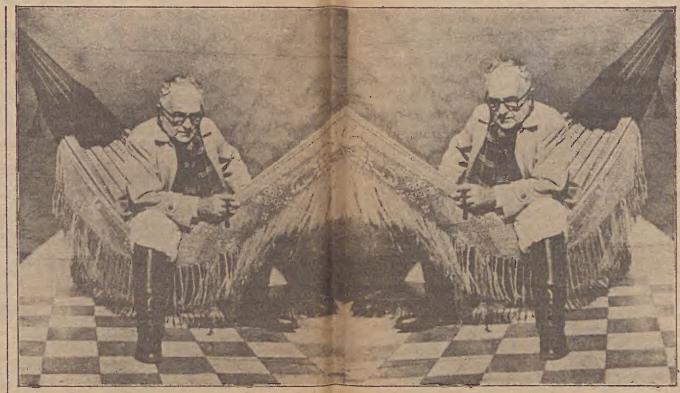
Uma necessidade premente

Entrentanto a atitude dos brigadeiros, pedindo a renúncia começa a provocar nova agitação entre generais e almirantes. "A maioria dos chefes das Forças Armadas, em serviço nesta Capital, foi induzida à convicção de que tão grave crise só poderia ser efetivamente jugulada pelo afastamento do Sr. Presidente da República, sem quebra dos preceitos constitucionais e legais", diz o Manifesto das Classes Armadas. Reúnem-se os Almirantes e apóiam a exigência dos Brigadeiros.

Ainda na tarde do dia 23, a segunda-feira, começa a circular sigilosamente um manifesto assinado por cerca de 30 generais, encabeçado por Canrobert, Presidente do Clube Militar; Juarez, Comandante da Escola Superior de Guerra; Fiúza, Chefe do Estado-Maior do Exército; e Mendes de Morais, apoiando também a decisão dos brigadeiros. Mascarenhas de Morais, na qualidade de Chefe do

(°) Café Filho pertencia ao PSP de Ademar de Barros. Acrescenta que na sua entrevista com o Presidente explicara-lhe as razões do seu gesto, e que, apesar das ponderações que fizera, a decisão do Presidente lhe havia sido transmitida na véspera de "mo-

12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27



Estado-Maior das Forças Armadas, convoca então, na tarde desse dia, uma reunião dos três Chefes de Estado-Maior das três armas.

Chega-se à conclusão de que o Presidente só não renunciara ainda por desconhecer a exata extensão do movimento de opinião contra sua permanência no poder, entre os chefes das Forças Armadas.

Cerca das 20 horas, no Palácio do Catete, Lourival Fontes, Chefe da Casa Civil, como de hábito, procura o Presidente Vargas em seu gabinete de trabalho. Vargas entrega-lhe um bilhete, onde Lourival lê

'Dizer ao Osvaldo que o M. da Marinha reclamou que lhe negaram 500 mil dólares para aquisição de sobressalentes de navios que começam a encostar, no entanto concederam quase um milhão de dólares para importar esqua drias de alumínio para a cidade universitária, coisas que podem ser feitas aqui ou substituídas por matérias equiva

Informa-o Lourival que a reclamação de Guillobel. "M. da Marinha", não procedia, pois ambos os pedidos haviam sido negados. Conversam em seguida sobre os assun tos do dia: o discurso de Afonso Arinos na Câmara, o de Ca fé Filho no Senado. Pede-lhe Vargas que marque a audiên cia habitual dos congressistas para o dia seguinte. "Tudo parecia desanuviado". Combinaram para o dia 27 a via-gem de Vargas ao Pará e ao Amapá. No Pará inauguraria ele o primeiro de uma frota de 12 navios para o Rio Amazo nas, um frigorífico, o maior do Norte, e um restaurante po pular. Voltando-se então para Lourival, diz-lhe Vargas:

- "Esta viagem é boa porque vou repousar o espírito e sair um pouco dessa fogueira".

"Vamos pensar numa espécie de Manifesto à Nação. Que seja forte, mas que seja também generoso"

Retira-se Lourival a fim de encerrar o expediente da secretaria, e retorna cerca de uma hora depois, quando Vargas já estava no quarto jantando, sozinho como sempre. Lourival entra, conversa um pouco e despede-se para regressar à sua residência.

Nesse meio tempo encontra-se Juarez Távora com outros dois generais, Mendes de Morais e Falconiere, aos quais mostra o Manifesto dos Generais, já com 32 assinaturas. Pondera-lhes Távora as consequências que teria a publicação do Manifesto e solicita-lhes que, com esse argumento, conseguissem de Zenóbio que concordasse em acompanhar Mascarenhas ao Catete e convocar nova reunião de generais.

Aceitando o encargo, parte Mendes de Morais em companhia de Falconiere para o gabinete de Zenóbio, onde já encontram outros generais. As 22h45 chega Zenóbio, fatigado mas declarando que não teria tempo para dormir.

Diz Mendes de Morais a Zenóbio que era iminente uma luta. A Aeronáutica fugira inteiramente das mãos do seu ministro – pondera Mendes de Morais – e estava publicamente coesa em torno do Brigadeiro Eduardo Gomes. A Marinha havia aderido à Aeronáutica e era portanto favorável à renúncia.

Propõe então Mendes de Morais que a solução talvez seja uma licença do Presidente, "para ausentar-se do

Mascarenhas de Morais chega e entra no gabinete, informando que os Chefes de Estado-Maior haviam concorcado em que fosse o intermediário junto a Zenóbio, para que modificasse sua atitude de manter o Presidente Vargas

Resolve então Zenóbio "finalmente, reconhecendo a periclitante situação e suas graves consequências", dirigirse em companhia dos Generais Mascarenhas e Dênis ao Palácio do Catete. Era cerca de meia-noite, de 23 para 24

No Catete D. Alzira, procura o Presidente, perguntan do como de costume se tinha alguma ordem para ela. Res-

"Vá dormir, tu deves estar cansada, pois há tantas noites não dormes'

"As coisas estão ficando pretas, papai - retruca-lhe a filha em tom de gracejo - mas tenho a impressão de que ainda não é hoje que se dará a explosão. Vou dormir em Niterói porque amanhã é que vai ser o dia sério"

Um documento e três testemunhos

Passam alguns minutos de meia-noite quando ao Palá-cio do Catete chegam os Generais Mascarenhas, Zenóbio e Dênis. Chamados com urgência após o telefonema de Zenóbio, já se encontram ali Osvaldo Aranha, Tancredo Neves, o briagadeiro Epaminondas, Comandante da 3º. Zona Aérea, e Guillobel. Cumprimentando Tancredo, vai logo di-

 - ''A situação no Exército é de muita gravidade. Dos 80 generais que tenho no Rio, 37 já assinaram o Manifesto de solidariedade aos brigadeiros. Se esse documento vier a público, terei de prender os seus signatários e isso será o começo de uma guerra civil. Aqui estou para por o Presidente a par da situação. Se ele determinar a resistência, eu resitirei com ele até o fim".

Pouco depois, dirigem-se Mascarenhas e Zenóbio para a sala de despachos do Presidente, no segundo pavimento, onde são recebidos por Vargas. Trajando calça mescla, blusão esporte e usando óculos escuros, Vargas toma chimarrão em companhia de seu irmão Benjamim. Mascarenhas informa-o então da incumbência que recebera.

Informa-lhe Zenóbio então sobre a situação no Exército. Acrescenta que uma resistência significará derramamento de sangue, mas que está disposto a ir até o fim. Transmite-lhe por fim a hipótese que surgira, dele

Durante cerca de meia hora Vargas ouve Mascarenhas e Zenóbio. Após, recusa as fórmulas de renúncia e de licença mas diz que convocará imediatamente o ministério, para que este delibere.

Enquanto um ajudante de ordens começa a acordar em suas residências, sem dizer do que se tratava, os ministros que não se encontram no Palácio, Benjamim telefona para Niterói e deixa recado para que D. Alzira e o marido retornem imediatamente ao Rio

tério, Aranha e Tancredo reúnem-se a Mascarenhas e Zenóbio na sala de despachos, onde também se encontra Vargas. Notam que ele retira da gaveta uma pasta com documentos. "Tirou um deles e o assinou - contaria Tancredo - dobrando-o em seguida e guardando-o no bolso externo de seu jaquetão". Levantando-se, manda chamar a João Goulart, líder do Partido Trabalhista Brasileiro, e quando este entra caminham ambos para o quarto de Vargas. Ali entrega ele a Jango, que no dia seguinte deveria partir para o Rio Grande do Sul, um papel dobrado dizendo-lhe:

Aguardando a reunião do Minis-

- Toma, Jango. Guarda esta carta para ler em casa e leva-a amanhã para o Rio Grande. Eu tenho sido muito visado. Te prepara, que o visado agora serás tu'

Jango toma a carta e guarda-a no bolso sem a ler. Volta Vargas à sala de despachos, fumando como de costume um charuto, e coloca-se na quina de sua mesa de trabalho. Tancredo dirige-se-lhe então:

"Presidente, como vamos conduzir a reunião minis-

"Iremos ouvir os ministros militares - responde-lhe Vargas - e tomaremos uma decisão' Apanha então em cima da mesa uma caneta de metal amarelo, japonesa, com que assinara o documento, e dá a

"Guarda isso como lembrança destes dias... E ante a surpresa de Tancredo, acrescenta:

"Não te preocupes, tudo vai acabar bem" Cérca de 1h30 da madrugada de terça-feira, 24 de agosto, chegam de volta ao Catete D. Alzira e Amaral Pei-

O Palácio está com as janelas abertas, as salas iluminadas, sendo grande o movimento de pessoas. A todo momento automóveis entram pelos portões, e nas imediações grande número de populares aguarda o desenrolar dos acontecimentos. Alzira e Amaral sobem, e Amaral dirige-se para o gabinete de Vargas.

'O circulo de ferro que ameaçava meu pai – diria depois D. Alzira - acabava de se fechar. Só nos restava uma decisão, aquela que meu pai havia tomado: a resistência gloriosa, nem que fosse à custa de morte de todos nós"

No gabinete, Amaral conversa por alguns minutos com Vargas, que em poucas palavras lhe expõe a situação. Numa das ocasiões em que ambos ficam sós, Vargas tira de uma pasta duas folhas datilografadas, lê como que procurando certificar-se do conteúdo e, levantando a primeira, assina a outra. Noutra sala do Palácio, ao lado do salão de despachos e onde o Presidente costuma trabalhar, palestram vários. A certa altura retiram-se todos, ficando Epaminondas sozinho na sala. Nisso vê entrar Vargas, sentarse, abrir uma gaveta e tirar um papel.

- "Vi perfeitamente quando o Presidente colocou-o no bolso do paletó, bem como uma cópia numa pasta"

Ao guardar o documento, Vargas levanta os olhos e dá com Epaminon-

- "Oh, brigadeiro, eu não o tinha visto aí" — diz.

- "Presidente, como passou o Sr.?" - responde este.

Vargas levanta-se e sai da sala.

Decisão de Vargas

Momentos depois, é iniciada a reunião ministerial. Chamados ao salão de despachos, ali entram Edgard Santos, da Educação; Hugo Faria, do Trabalho; José Américo, da Viação; e Mário Pinoti, da Saúde, no momento em que do outro lado chegam Vargas e os demais Ministros, com

33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57

exceção de Vicente Rao, das Relações Exteriores, que se encontra ausente da Capital.

"Embora um pouco mais magro, o Presidente estava em forma, no seu natural, sem nenhuma lividez, nem a menor alteração no semblante ou na voz que refletisse um distúrbio interior". Senta-se ele numa das cabeceiras da mesa, na outra José Américo. Eram cerca de três horas da manhã do dia 24. Pouco a pouco a mesa foi sendo rodeada por outras pessoas que se encontravam na sala: D. Alzira e o Governador Amaral Peixoto, Lutero e Manuel Vargas, Caiado de Castro, os Deputados Augusto do Amaral Peixoto e Danton Coelho

Dada a palavra a Zenóbio, faz ele um minucioso relato. Falando com frases em jacto, com vigor, reconhece Zenóbio a gravidade do momento mas dispõe-se a reagir. Ressaltando porém futuras responsabilidades, adverte com insistência que "haverá derramamento de sangue.

- "A impressão deixada das palavras dos responsáveis pela ordem – diria Lourival – era de que não tínhamos elementos para resistir'

Ouvida a exposição do Ministro da Guerra, Vargas interroga em seguida os demais ministros, um a um. Guillobel, com um discreto ar de vencido que confirmava a derro-

- "A Marinha não pensa em levantar-se, nem em depor o Presidente, mas já se manifestou ao lado da Aeronáu-Enquanto os Ministros se manifestam, Vargas tira do

bolso do casaco um papel dobrado que assina discretamen te. Vargas continua com o rosto imóvel, sem mostra de decepção, recriminação ou estranheza, como se tudo estives se ocorrendo como calculara.

Chega a vez de José Américo que começa dizendo que seu pronunciamento não deveria pairar num plano vago; tinha que ser conclusivo e terminante". Acrescenta que apelava "para o desprendimento do Presidente", e acaba admitindo expressamente "a renúncia"

Apolônio Sales, da Agricultura, opina como os outros, que a decisão final caberia ao Presidente. Tancredo Neves tenta levantar os ânimos com veemência e emoção, concitando os ministros militares a uma atitude belicosa.

Já ninguém se entendía. Nessa altura o Presidente, repetindo a expressão usada por José Américo, recomenda que "os pronunciamentos fossem conclusivos". Afasta-se o Governador Amaral Peixoto da mesa, e, dirigindo-se a um telefone, comunica-se com o General Mendes de Morais. Informa-lhe que o Presidente reluta em renunciar. Mendes de Morais menciona então a solução de licença.

Na reunião, Zenóbio repete seu propósito de impor dis-

"Se receber ordens, prenderei os generais e porei a tropa na rua, mas - repete - será derramado sangue" Aproxima-se da mesa D. Alzira e, postando-se ao lado do pai, toma a palavra. "Sem levantar a voz, sem ênfase,

sem nenhuma pose teatral, transfigurou a cena. Houve um frêmito na sala. "Dirigindo-se a Zenóbio, encoraja-o "a uma ação imediata que resguardasse a integridade democrática". E diz que "o movimento é de gabinete, de generais sem tropa, podendo assim ser facilmente sufocado' 'Estou disposto a agir" - replica Zenóbio surpreso.

'Agirei: só fiz ver as consequências". Manuel Vargas, secretário do governo do Rio Grande

do Sul, formula o mesmo apelo, dizendo que seu Estado apoiaria a legalidade. Caiado de Castro, assinala que "seria desastroso mais esse precedente contra o mecanismo constitucional do País". Antes que terminasse, responde-lhe Zenóbio oferecendo-lhe "um comando para a organização da resistência", o que foi logo aceito.

Retorna Amaral Peixoto ao salão e sugere a solução da licença, como conciliatória, no que é secundado por José

A sugestão suscita ligeiro debate mas Vargas informa que continua decidido a resistir no seu posto, a qualquer preço. Amaral porém volta a telefonar a Mendes de Mo-

rais, insistindo em saber se os generais estariam de acordo com a licença. Responde-lhe Mendes de Morais que os que se encontram no seu gabinete concordam, advertindo porém que "para a ida ao estrangeiro seria necessária a autorização do Congresso, sendo preferiyel portanto passar o cargo ao Vice-Presidente por qualquer motivo, licenciando-se

Na reunião fala em último lugar Aranha, o Ministro da Fazenda, dizendo que no seu ponto de vista só havia três soluções para o caso:

 "A primeira-diz - seria a resistência pessoal, à qua eu obviamente me declarava desde logo solidário; a segunda, exatamente aquela que o Presidente desejava evitar, seria um balanço nas forças fiéis para rechaçar militarmente qualquer tentativa contra a Constituição: e afinal restava a renúncia, mas esta seria uma decisão de foro in-

Cerca das 3h30 da madrugada Vargas continua obstinado em não renunciar. Zenóbio dirige-se então aos Ministros da Marinha e da Aeronáuti-

"Era escravo do povo hoje me

ca e diz-lhes que "assumissem efetivamente os seus postos, porque, embora sabedor de que iria jogar parte do Exército com que contava, contra outra parte do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, iria resistir..." Com o elan do seu temperamento impulsivo levanta-se declarando que iria "botar a tropa na rua" para resistir e defender o Presidente, e deixa a sala rumo ao Ministério da Guerra. A situação é alarmante e a iminência de uma luta entre as Classes Armadas atinge o cume.

Pouco depois da saída de Zenóbio, porém, Vargas levanta-se, muito calmo, diante de intensa expectativa dos presentes. E "com a mesma aparência calma, o ar tranquilo, a fala mansa", encerra a reunião:

Já que os senhores não decidem, eu vou decidir. Minha determinação aos ministros militares é no sentido de que mantenham a ordem e respeitem a Constituição. Nestas condições estarei disposto a solicitar uma licença, até que se apurem as responsabilidades. Caso contrário, se os insubordinados quiserem impor a violência e chegarem até o Catete, levarão apenas o meu cadáver'

Renúncia ou licença, imediata ou condicional?

Ao concluir as palavras com que encerra a reunião, retira-se Vargas sem se despedir, sem mais uma palavra. "Tinha então, o passo firme, mas a testa franzida, a fisio-nomia quase carregada. Era só decisão. Parecia resignado à fórmula incruenta, conformado com o alvitre pacifica-

São cerca de quatro horas da manhã. Ao sair da sala Vargas é abraçado por seus filhos, D. Alzira, Lutero e Manuel, por seu irmão Benjamim e por outros parentes e amigos que ali se encontram. "Foi um momento quase de eufo-Maneco abraça-o mais demoradamente.

Aparentemente tranquilo e seguro, sobe Vargas para o segundo pavimento. Acompanha-o D. Alzira e Benjamim, que com ele entra no seu gabinte de trabalho. Ali, Vargas, tirando uma chave do bolso, diz-lhes:

"Esta chave abre aquele cofre. Se alguma coisa me acontecer, apanhem a chave no meu bolso e retirem tudo o

- 'Está bem Getúlio' responde-lhe Benjamim encarando-o fixamente.

Entre Vargas, Benjamim, Aranha, Tancredo e Epaminondas estava assentado que, quando os generais com Café Filho, a trouxessem, ordem de deposição, eles resistiriam. 'Combinamos - revelaria Aranha que pediríamos o afastamento das pessoas que não tivessem participação direta nos acontecimentos, e então usaríamos os nossos revólveres e fariamos fogo".

Alzira porém retruca:

"Papai, queres fazer o favor de parar com isso? De que nos adiantará a chave se todos iremos juntos para o nosso fim?'

Ao que Vargas responde sorrindo:

"Estou apenas avisando" - e dando-lhe boa-noite retira-se.

O quarto é amplo, mas feio e triste. A mobília, grande escura e pesada, havia sido adquirida em Paris pelo Barão do Rio Branco. No chão, um tapete persa de flores e ramagens, no teto lustres de pingentes de cristal e nas janelas cortinas de cor neutra. Sobre as mesas há lâmpadas elétri-



mesinha com uma campainha e uma larga poltrona de es paldar onde Vargas costuma ler jornais e revistas antes de deitar-se. Nas janelas aparelhos de ar-refrigerado e num canto discreto uma feia mesa de massagens. O banheiro, ao lado, é pequeno, com o chuveiro sobre a banheira.

Deixando-o ali, retira-se pouco depois Benjamin, dizendo a alguém:

'Agora é que ele se deitou'

No primeiro pavimento os ministros, ainda confusos com a situação, entre aliviados e apreensivos, haviam formado grupos. Num deles, trocam impressões Aranha, Amaral e José Américo, quando ocorre ao último advertir:

E o Ministro da Guerra? Saiu irritado, disposto à ação. Mandem chamá-lo"

A decisão tomada pelo Presidente, de licenciar-se, desde às 3h35 começava a ser irradiada. Em sua residência, na Avenida N.S. de Copacabana, o Vice-presidente Ca-fé Filho, vestindo ''slack'' creme, recebe grande número de amigos, líderes políticos e jornalistas. As 4 horas, declara:

 "Desocupado o posto, por qualquer processo, assumirei a Presidência da República. Os meus compromissos de renuncia cessaram no momento em que o Presidente Getúlio Vargas deu resposta negativa à minha fórmula. Estou empenhado em organizar um Governo de coalizão na

No Catete, Lourival procura vários ministros, e, sa bendo da intenção de Vargas de resistir, pede lhes que tentem "um esforço para salvar a vida do Presidente". Combina-se às pressas nova reunião do ministério, a fim de redigir uma nota oficial. Em companhia dos ministros, no salão de despachos para onde retornam, permanece também Amaral Peixoto, observando a feitura da nota. Enquanto Tancredo a redige, os demais conversam em gru

Conclui Tancredo afinal a nota a qual, depois de con sulta aos demais ministros, anuncia a reunião do mi

Deliberou o Presidente Vargas, com integral solida riedade dos seus ministros, entrar em licença, passando o Governo a seu substituto legal, desde que seja mantida a ordem, respeitados os poderes constituídos, e honrados os compromissos solenemente assumidos pelos oficiais generais das nossas Forças Armadas. Em caso contrário, persis tiria inabalável no seu propósito de defender as suas pre rrogativas constitucionais com o sacrificio, se necessário, de sua própria vida"

Encarrega-se Aranha de levar a nota à aprovação do Presidente. Informado de que já se havia recolhido, entrega a nota a D. Alzira, para que esta leve ao pai, no quarto. Retornando pouco depois, informa-lhe D. Alzira que o Presidente, sabendo que ele, Osvaldo, a aprovara, dera também sua aprovação, e Aranha retorna com ela ao primeiro

Aqui José Américo despede-se de D. Darci abraçando-a, e solicitando-lhe comovido que "fosse o anjo da paz:.." D. Darci responde-lhe sorrindo:

"Se ele levar uma bala, que

As 4h45 a nota oficial de licença é divulgada pelas estações de rádio e, em sua residência, Café Filho recebe os primeiros abraços e congratulações.

Um mal-entendido

Em seu quarto, o Presidente Vargas repousa, Nas salas e corredores seus amigos e parentes mais próximos permanecem acordados.

Aos poucos, transforma-se o Palácio numa pequena praça de guerra. Nos jardins, junto aos troncos das árvores, são levantadas trincheiras com sacos de areia. Todos cas e sobre a cômoda uma imagem religiosa. Ao lado, uma 🕽 os funcionários estão munidos com armas automáticas, e

metralhadoras de mão são distribuídas as pessoas que chegam, inclusive senhoras.

Cerca das cinco horas da manhã circulam no Palácio rumores de que viaturas do Exército transportando numerosa tropa estão chegando à cidade.

Às 5:30 Vargas manda chamar Benjamim e João Gou-

lart a seu guarto.

A esse tempo no Ministério da Guerra Zenóbio está de-terminando a convocação dos generais para uma reunião às 6.30. Ali é então informado que que a Aeronáutica solicitava ao Ministro da Guerra determinasse a apresentação de Benjamim Vargas na Base Aérea do Galeão, para depor no inquérito sobre a morte do major Vaz.

Ao ser Zenóbio informado, sente-se indignado e decla-

– "Quanta miséria, quanta indignidade! Não faz uma hora que o Presidente deixou o Poder e já querem feri-lo desta maneira'

Desejoso de não magoar a familia Vargas, determina Zenóbio ao General Jandir Galvão, chefe do seu gabinete e amigo pessoal de Benjamim, que acompanhado do Tenente

Coronel Umbelino Vargas, sobrinho de Benjamim, vá ao Palácio do Catete e o convidem para ir ao Galeão.

No Palácio do Catete, pelas seis horas da manhã, o ambiente é de apreensão cada vez maior pelos acontecimentos que deverão se desenrolar durante o dia. As expectativas voltam-se para a reunião de generais, que dentro de meia hora deverá realizar-se. D. Darci, de óculos escuros mal disfarçando as lágrimas, chega a uma das janelas que dá para o parque nos fundos do Palácio. Reina ali apenas o silêncio e o frio da manhã. Soldados da Polícia do

Exército, impassíveis, rondam fazendo a guarda.

Ao Palácio chegam nesse momento o General Galvão e o Coronel Vargas, a fim de avistar-se com Benjamim. Estranha que a convocação seja feita de madrugada.

Num momento crucial como este – pondera – em que está se decidindo a sorte do Governo, não posso me afastar, já não digo do Presidente, mas do meu irmão. Se me quiserem ouvir, venham aqui'

Subindo e entrando no quarto do irmão, encontra-o Benjamim como quem dormia. Eram cerca de seis horas da manhā. Tocando-o, volta-se Vargas é pergunta o que há.

Mas tu, depores no Galeão a estas horas? Por

- "Não sei a que devo atribuir - responde Benjamim - a menos que me queiram prender por ser de domínio público que estou disposto a resistir contigo de qualquer

"Não vá!" - retruca-lhe Vargas. "Se quiserem, que venham aqui'

Enquanto isso, D. Alzira, que logo após a saída do irmão entra no quarto sob o pretexto de procurar um remédio para dor de cabeça, ouve:

"Ainda não foste dormir?"

"Eu durmo quando quiser" - responde meio mal-

"Pois então vá embora – diz-lhe Vargas rindo – que

eu.vou dormir.,

Antes de sair porém diz-lhe ainda D. Alzira que acabara de receber umacomunicação de vários oficiais que não haviam assinado "nenhum memorial" e estavam apenas. aguardando as suas ordens. Pergunta-lhe ela quais são as ordens. O pai sorri-lhe novamente e ordena que vá dormir.

A licença seria definitiva

Cerca das 7 horas da manhã, reúnem-se os generais presentes no Rio. Assumindo a presidência da reunião e justificando sua atitude, diz Zenóbio:

Ontem, depois de ouvir o Marechal Mascarenhas de Morais dar conhecimento ao Sr. Presidente da República da resolução dos generais das três Forças Armadas, o Chefe do Governo, após reunir o ministério, tomou a deliberação de se afastar do Governo pela forma de licença

E manda a um seu oficial de gabinete, o Major Pedro Cavalcanti, que leia a nota da reunião ministerial. Alguns generais demonstram sua apreensão com os termos condicionados da nota e com a possibilidade que deixava entrever de continuar Vargas no poder, Zenóbio então declara:

— "A licença do Presidente é definitiva, pois assim

ouvi eu da conversa dos srs. ministros, após a reunião".
Usa então da palavra Fiuza de Castro, chefe do
Estado-Maior, que enaltece a atuação de Zenôbio e concita o Exercito a manter-se unido com as demais Forças Arma-

"Terminada a reunião - diria Zenóbio - um oficialgeneral presente apressou-se a comunicar ao Catete que eu traíra o presidente

Tendo-se recusado a comparecer ao Galeão, dirigirase Benjamin ao gabinete de Caiado de Castro, o chefe da Casa Militar. Pouco depois chega ao gabinete, fardado, o General Morais Ancora, ex-chefe de Polícia, que vinha da reunião, no Ministério da Guerra. Ao entrar, cercam-no os presentes, curiosos em saber como transcorrera a reunião. Ancora informa que bem, mas acrescenta que Zenóbio dissera ter ouvido que o Presidente não voltaria mais.

Intervém Benjamin estranhando tal revelação e Ânco-

liberto para a vida eterna

ra confirma. E informa ainda que depois dessas palavras de Zenóbio discursara Fiuza de Castro congratulando-se

com o Exército pelo término da crise. Surpreso, diz Benjamin que vai acordar o Presidente para transmitir lhe essa informação, enquanto Tancredo e . Caiado o aguardam, entre desapontados e ansiosos

Entretanto no quarto do Presidente, acorda-o Benja mim novamente

'Então quer dizer que estou deposto?' - indaga Vargas surpreso.

Não sei se está deposto" - responde Benjamim. "O que sei é que é o fim. Foi a maneira mais fácil de te tirarem

Volte lá embaixo e vá esmiuçar isso" - diz Vargas 'Não vejo por quê' - contesta Benjamim. 'Âncora é um homem sério

'Vá saber com detalhes e volte em seguida'

Algum tempo depois, Pedro Lourenço Barbosa, bar beiro e camareiro do Presidente, ouve a campanhia cha mando o contínuo. Atendendo, entra no quarto e dá com Vargas de pijama, sentado na cama, como se tivesse aca bado de acordar.

Que horas são? - pergunta-lhe Vargas.

Informa Barbosa que eram 7:45. Como Benjamim não tivesse ainda regressado, ordena Vargas

'Me chama o Benjamim'

As 8 horas sobe Lourival Fontes ao segundo pavimen to, e. informado de que o presidente ainda se encontrava no quarto, deixa dito que se o procurasse, dissessem que fora tomar café em casa, devendo voltar imediatamente Depois de remover, do seu gabinete para o automóvel, pa cotes livros e papéis, retira-se Lourival do Palácio. Ao segundo pavimento chega Arisio Viana, amigo do Presidente diretor do Departamento Administrativo de Serviço Público (Dasp)

"Um Tiro!..."

Por volta das 8.10, Vargas sai do quarto e, vestido apenas com pijama, dirige-se para o seu gabinete. De passagem acena para D. Alzira, que se encontra numa sala vi zinha e estranha sua atitude

Passando pelo corredor diante da escada e atraves sando uma ante sala próxima, entra Vargas no seu gabine te, fechando a porta e dirigindo se para a secretaria. O camareiro Barbosa procura-o al, e, de porta, oferece-lhe um 'chambre''. Vargas porém, da mesa, recusa — ''Não. Fecha a porta.''

Ao mesmo tempo em que chamam D. Alzira ao telefone, avisam-na de que o Presidente já havia acordado, ao que ela responde:

"Já vi, já vou lá" – e atende ao telefone um general que começa a relatar-lhe o que se passara na reunião do Ministério da Guerra.

Retira-se Barbosa para o quarto do Presidente, onde poë-se a apanhar a roupa para mandar passar. Nesse momento sai Vargas do Gabinete, dando com o mordomo do Palácio, João Zaratini, sentado no espaldar de uma poltrona, e ao vê-lo levanta-se. Nota Zarattini que Vargas tem então a mão esquerda no bolso do casaco do pijama, onde lhe parece haver algo pesado e volumoso. Vargas olha o sorrindo, faz-lhe um sinal amistoso com a mão direita e segue sem pressa para o quarto. Ali, dando com Barbosa,

'O que estás fazendo aqui?"

Estranha Barbosa o tom da frase, pois Vargas costuma dirigir-se-lhe em tom mais cordial. Informa Barbosa que estava cuidando da roupa, ao que Vargas retruca:

'Bem, me deixa descansar mais um pouco', e senta

Retira-se Barbosa fechando a porta e dirige-se para a sala vizinha do ajudante de ordens, Major Hélio Dornelles. Numa sacada da sala conversam, e diz-lhe Barbosa:

- "Não sei por que, mas estou com medo do Presidente".

Nesse momento ouve-se um estampido.

"Um tiro!" — diz Barbosa sobressaltado.

- "Não foi aqui" - contesta o major, não menos assustado.

Barbosa porém dirige-se apressadamente para o quarto do Presidente e abre a porta. Deitado de bracos abertos, com uma perna sobre a cama e a outra um pouco para fora, estava o Presidente Vargas com uma



mancha de sangue no pijama, do lado esquerdo do peito. Na palma da mão direita vê Barbosa num relance o revólver Colt de calibre 32, carga dupla e cabo de madrepérola, que Vargas costumava fazer levar nas suas via-

Enquanto Barbosa dá um grito, no quarto precipitam se o Major Hélio e outras pessoas, todas tomadas de sur presa e desespero. D. Alzira ainda falava ao telefone quan do alguém, segurando-a pelo braço, leva-a ao quarto onde o pai agoniza. Lançando-se à beira da cama e abraçandose com ele, embebendo sua blusa no sangue, recebe ainda um sorriso que ele lhe dirige, quando a reconhece, enquan to ela prorrompe em gritos:

- 'Não pode ser, não pode ser! Tu me prometeste...' Entra também D. Darci e logo após Benjamim e Caiado, aumentando o desespero que reina no quarto.

Arísio Viana, que se encontra próximo do quarto, cor re para a portaria do térreo e, tomando o telefone, extremamente nervoso, pede à telefonista que ligue para o Pronto Socorro.

'Chame com a maior urgência'' - diz. "É um caso ferimento grave

Mas, descontrolado, dá um violento murro no balcão e

"Mas como é que deixaram este homem sozinho, meu Deus?

No quarto precipita-se Amaral Peixoto que ali encontra sua esposa, ao lado de quem permanece. Lutero, cho rando, convulsivamente, toma o pulso e constata a morte do pai. Um só tiro havia sido disparado, indo a bala alojar se no coração.

Do próprio quarto faz Benjamim duas ligações telefônicas, uma para Zenobio, dizendo-lhe que viesse pois o Pre sidente estava morto.

O que, o que?

'É isso mesmo'' – diz Benjamim desligando. Liga em seguida para Aranha e diz-lhe

Venha se despedir imediatamente de seu amigo Ele morreu'

Com as sirenas tocando, entra a ambulância no jardim e encosta, enquanto o médico e o enfermeiro tomam apressadamente o elevador. O Dr. Rodolfo Samuel Moreira, médico da Assistência Pública, já o encontra morto.

Uma atmosfera de estupefação e pesar paira por todo o Palácio e, pelo rádio, propaga-se à cidade, ao resto do País, a todo o mundo.

Ao Catete chegam ministros, congressistas, parentes e amigos da família. Dos primeiros a chegar foi Mascarenhas de Morais. E pouco depois Osvaldo Aranha, com os olhos úmidos. Debruça-se sobre o corpo e depois abraçando Benjamim, exclama:

'Ele morreu para não nos sacrificar! Era um homem extraordinário! Ele sabia que nós dois morreríamos

Entra José Américo que, por três vezes, dirige se a Aranha e pergunta-lhe pelas causas do desenlace, susten

Entrando na História

'Mas houve um motivo novo! Ele não la suicidar

Por esse tempo já alguém reencontrara o bilhete que dias antes havia sido lido por D. Alzira e por ela devolvido João Goulart.

a Vargas, e no qual se lia: "A sanha dos meus inimigos dei xo o legado da minha morte. Levo o pesar de não ter feito pelos humildes tudo o que desejava

Minutos após é o bilhete transmitido para a Rádio Na cional, e irradiado quase simultaneamente com as primei ras notícias do suicidio.

Já tendo o camareiro Barbosa entrado e saído do quarto umas três vezes, observa ele que em cima da mesa de cabeceira se acha um envelope branco, e também, parece-lhe, um papel dobrado. Amaral Peixoto, olhando para a mesma mesa, depara "encostado a lâmpada, em posição bem visível, o documento que o Presidente assinara

na minha presença", como diria depois:

- "Abri-o para verificar o que nele se continha, pois tive a intuição de que devia ser uma mensagem de despedi-

Abrindo-o, lê Amaral:

'Mais uma vez, as forças que os interesses contra o povo coordenaram novamente se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, me insultam; não me combatem, caluniam-me; não me dão o direito de defesa. Precisam su focar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e princi palmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto. De-pois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômico financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei um regime de liberdade social. Tive que renunciar

Voltei ao governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalhador. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário-mínimo se me desencadearam os ódios. Quis criar a liberdade nacional da potencialização de nossas riquezas através da Petrobrás, e mal começa a funcionar a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente. Assumi o governo dentro da espiral inflacionária, que destrula os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até quinhen tos por cento ao ano. Nas delcarações de válores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de cem milhões de dóalres por ano. Veio a crise do café, valorizou se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia, a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma agressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo para defender o povo que agora se queda desamparál rado. Nada mais posso dar a não ser o meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem conti nuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre canvosco.

Quando vos humilharem sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta, por vós e por vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no meu pensamento a força para a reação. Meu sacrificio vos manterá unidos e meu sangue será a vossa bandeira de luta. Cada gota do meu sangue será uma chama imortal à vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o meu perdão. Aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse po de quem fui escravo, não será mais escravo de ninguém. Meu sacrificio ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço de seu resgate.

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia, não abateram o meu ânimo. Vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da Eternidade e saio da vida para entrar na História

Certificando-se assim de que se tratava do que imaginara, determina Amaral Peixoto a uma pessoa a seu lado que o leve a Victor Costa, diretor da Rádio Nacional. Pouco depois, deixando o quarto, encontra Aranha no ''hall', soluçando e lendo a mensagem em voz alta para um grupo de vinte pessoas. E, antes das nove horas da manhã, ela começa a ser irradiada.

Uma hora depois, começa D. Alzira a procurar a chave de que lhe falara o pai. Encontrando-a no bolso do pijama, retira do cofre tudo o que continha e manda levar para sua residência. Entre os valores e documentos, foi dias depois encontrada a primeira via assinada da mensagem final, junto com diversas anotações a lápis - a minuta do docu

A via encontrada por Amaral Peixoto, sobre a mesa de cabeceira, foi por ele entregue mais tarde, para que fosse lida na Câmara dos deputados, ao lider Gustavo Capanema, que a restituiu a Caiado de Castro, chefe da Casa Militar, o qual a confiou ao Governador Ernesto Dornelles, do

Um terceira cópia, soube-se então, havia sido entregue por Vargas a

O tempo parou: 8 e 30 da manhã

RUA TONELEIROS

No número 180 desta rua, há um edifício de dez andares. No segundo, apartamento 201, morava Carlos Lacerda 23 anos atrás. E na calçada em frente aconteceu o famoso atentado da Rua Toneleiros, a mando de Gregório Fortunato. O local, apesar do trânsito, ainda guarda certa tranquilidade, lembrando os tempos em que Copacabana era a "Princesinha do Mar"

CARLOS LACERDA (1914 - 1977)

Fluminense de Barão de Vassouras, antigo Estado do Rio de Janeiro, Carlos Frederico Werneck de Lacerda, ex-comunista militante na juventude acadêmica, foi o jornalista-pivô dos acontecimentos de 5 a 24 de agosto. Acontecimentos policiais e políticos. Ex-colunista do tradicional Correio da Manhã, fez de sua coluna o título de seu jornal: Tribuna da Imprensa. Elegeu-se deputado federal pela UDN e comandou a oposição radical a Getúlio Vargas. Na noite do dia 5, o major Rubens Florentino Vaz, da Aeronáutica, destacado participante para proteger o dublé de jornalista e parlamentar, morre baleado por um elemento da Guarda Pessoal do Palácio do Catete na rua Toneleiros, Copacabana. Da exploração desse fato politicamente, chegou-se ao suicídio de Vargas, no dia 24.

REPUBLICA DO GALEÃO

Nome como ficou conhecido o "aparelho" montado na Base Aérea do Galeão por oficiais da Aeronáutica, encarregados do Inquérito Policial-Militar que apurou o atentado contra Carlos Lacerda onde morreu o major Vaz. Recebeu o nome de "República do Galeão" porque passou a agir acima de qualquer fundamento legal, em suas investigações. Num relatório sobre o crime, entregue pelo encarregado do inquérito ao Ministro da Aeronáutica então o Brigadeiro Eduardo Gomes, em 19 de setembro de 1954, diz o Coronel Adil de Oli-'...logo que incumbidos do IPM, tivemos inicialmente de organizar um verdadeiro aparelho policial, inexistente na Aeronáutica, a fim de procurar desvendar um crime, que se apresentava aos olhos da Nação como envolto em denso mistério."

GREGORIO FORTUNATO

'O anjo negro'' de Getúlio nasceu em São Borja - foi criado com a família Vargas. Acompanhou Getúlio em toda a sua carreira política, sempre de guarda-costas. No segundo período Vargas, ocupava o cargo de "chefe da guarda pessoal", e morava no Palácio do Catete.

Participou do atentado da Rua Toneleiros, apontado pelo famoso "relatório da República do Galeão", como o mandante do crime. Teria contratado para isso, três pistoleiros: Climério Euribes de Almeida, José Antonio Soares, e Alcino João do Nascimento. Preso, cumpriu apenas 8 dos 25 anos a que foi condenado: em 1962, foi assassinado por Feliciano Damas Emiliano, companheiro de prisão como ele, Climério também morreu na prisão, em 1975. Havia sido condenado a 33 anos. Alcino e Soares, libertados respectivamente em 1975 e 1976, ainda estão vivos.

EDUARDO GOMES

Talvez o mais famoso líder da Aeronáutica, o Brigadeiro Eduardo Gomes nasceu em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro em 1896. Revolucionário de muitas revoluções, um dos 18 do Forte de Copacabana, o Brigadeiro foi duas vezes candidato da UDN à presidência da República, em 1945 e 1950. A última perdeu para Getúlio Vargas que somou mais votos que todos os seus adversários juntos. Criou o CAN, Correio Aéreo Nacional, prendeu os insurreitos da "Intentona Comunista" de 1935. Era Diretor de Rotas Aéreas, em agosto de 1954 quando o major Rubens Florentino Vaz foi assassinado. Sob a liderança de seu amigo Carlos Lacerda, praticamente comandou o processo de pressão militar para que Getúlio renunciasse.



RETRATO DO VELHO

Bota o retrato do velho, outra vez! Bota no mesmo lugar. O sorriso do velhinho Faz a gente trabalhar, oi!

Eu já botei o meu, E tu não vais botar? Já enfeitei o meu, E tu vais enfeitar? O sorriso do velhinho Faz a gente se animar, oi!

Haroldo Lobo e Marino Pinto (1951)

O relógio parou na Casa de Getúlio: No Catete, em seu quarto, ainda são 8 e 30

Antigo solar dos barões de Nova Friburgo. Construído pelo arquiteto alemão Gustav Waehhekdt entre 1858 e 1866. Estilo neoclássico, revestimento externo de granito, mármore rosa e pedra de lioz branca. Dentro, magnificas decorações com materiais preciosos e pinturas com temas mitológicos nos tetos dos três andares. A mais rica construção do 2º Reinado.

ministerial, o salão de despachos ou audiência com o presidente, o lugar em que este-Getúlio e da última reunião com os ministros, horas antes de se matar: no teto, a pintura representando Baco e Adriadne. O presidente subiu e matou-se em seu quarto no 3º andar.

 É aqui que as pessoas páram mesmo.
 Diz Orivaldo Nascimento, 45 anos, funcionário do Museu há 10 anos, em frente a cama em que o presidente deu o tiro no peito, coberta com uma colcha roxa de tom leve - não é a mesma do dia da morte, conservada por anos, amarela; na mesa de cabeceira, um pequeno retrato de Vargas com d. Alzira; aos pés da cama, uma mesinha de café para duas pessoas; na parede, um crucifixo. O quarto tem ainda uma máscara mortuária de Getúlio, numa redoma de vidro; um óleo de corpo inteiro do presidente com a faixa presidencial; uma espriguicadeira; uma cadeira giratória; um quarda roupa com espelho na frente; um relógio parado às 8h30 - tudo como o presidente

Além do quarto existem ainda duas salas com "pertences" de Getúlio no mesmo 3º andar - chapéus, bengalas, condecorações, capacetes de prisioneiros de guerra da Revolução Constitucionalista de 32, o célebre retrato dele com Roosevelt num jipe, caindo na gargalhada, cuias e bombas de chimarrão. É o presidente que mais ocupa espaço no Catete.

Ao entrar no Museu da República, o Palácio do Catete, damos de cara com a sala História da República. Do Palácio do Catete governou e morou por 3 anos, 7 meses e 9 dias (de 3/1/51 a 24/8/54); do Palácio Guave exposto à visitação pública o corpo de Getúlio e da última reunião com os minis- e 25 dias (de 3/11/30 a 29/10/45) — uma carreira política que começou em 1909, como deputado estadual, tendo sido ainda deputado federal, participante, como tenente-coronel da revolução que agitou o Rio Grande do Sul em 23, deputado federal, candidato a presidente em 29 e levado ao noder pela Revolução de 30. E. finalmente. eleito pelo PTB em 1950. Durante seu primeiro período de governo promulgou duas constituições - a de 7/34 e a de 10/11/37.

Até Artur Bernardes (1922-1926), todos os nossos presidentes moraram no Palácio do Catete, no aprazível bairro do mesmo nome. A tradição acabou com Washington Luís, que preferiu morar no Palacio Guanabara, utilizando o Catete apenas para despachos, assim como Getúlio Vargas de 30 a 45. Mas, ao voltar ao poder, o presidente resolveu fazer dali também sua casa. A bem dizer, o Museu da República é ainda hoje "Casa de Getülio"

Palmério Dória

ZENÓBIO DA COSTA

General Euclides Zenóbio da Costa, excomandante da Força Expedicionária Brasileira, a FEB, na campanha da Itália. Ministro da Guerra de Getúlio foi fiel apesar de todas as pressões dos ministérios militares, afirmando até o fim - estaria com Getulio mesmo se houvesse derramamento de

JOÃO GOULART (1918-1976)

Líder do Queremismo, o filho político de Getúlio, se iniciou na vida pública, em 1945, com 26 anos, ingressando no PTB para ser o presidente do diretório municipal de São Borja. Eleito deputado estadual coordenou a candidatura Vargas à presidência em 1950 e conseguiu se eleger deputado federal. Subiu para a direção estadual do Partido Trabalhista Brasileiro para chegar à direção nacional. Em 1953, quando Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas foi obrigado a deixar a Pasta por causa de pressões contra a sua política de revisão do salário mínimo que favorecia o trabalhador em 100%. Foi oficialmente reconhecido o herdeiro de Vargas, ao ser incumbido de ler a Carta-Testamento

TANCREDO NEVES

Uma das maiores testemunhas oculares dos últimos 30 anos de política brasileira, o mineiro de São João Del Rey, Tancredo de Almeida Neves chega hoje aos 67 anos ainda na ativa: deputado e pacificador do MDB na câmara Federal. Líder do PSD, Ministro da Justiça no 2º Governo Vargas, Tancredo Neves foi fiel a Getúlio até a beira do túmulo em São Borja. Seguiu o pessedismo e o getulismo, sempre. Foi líder do Governo João Goulart e Primeiro Ministro, na fase parlamentarista de 1961/63

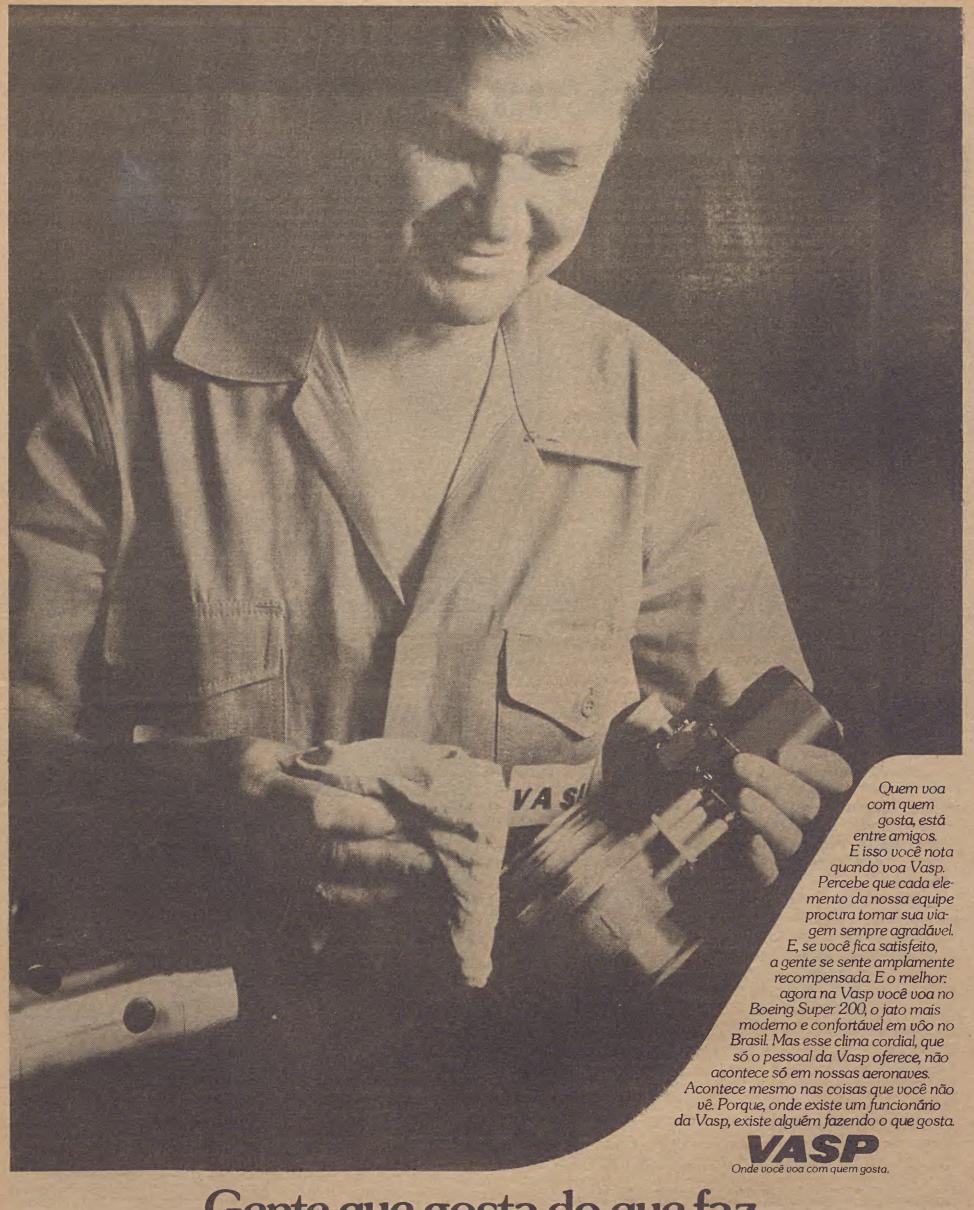
AFONSO ARINOS

Lider da UDN na Câmara Federal a partir de 1947, Afonso Arinos de Mello Franco, mineiro nascido em 1905, virou nome de uma das mais importantes leis brasileiras a "Lei "Afonso Arinos" contra discrimina-ção racial. Liberal foi contra Getúlio exigindo-lhe a renúncia naqueles dias de

ALZIRA VARGAS

Filha, sécretária e conselheira de Getúlio Vargas, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, autora do livro "Getúlio, Meu Pai", diz que o getulismo, como essência política, não acabou. "É preciso lembrar que muita coisa que hoje se faz não teria sido possível se não tivesse havido 1930, Getúlio Vargas. Seu herdeiro político para continuar empu-nhando a bandeira da libertação nacional, é o povo"

Jornais norte-americanos e ingleses que na época comentaram, a deposição e morte de Getúlio, destacaram o papel do petróleo na crise. O Financial Times, de Londres, diz que "E evidente que se o atual governo do presidente Café Filho conseguir fazer prevalecer seus pontos de vista, o Brasil abrirá suas portas ao capital estrangeiro mesmo para a exploração dos recursos petrolíferos". Para o New York Times. "Dificilmente poderia o novo governo do presipolítica num momento de fermentação nacionalista e tensão interna, mas pode-se ter esperanças para o futuro". Enquanto o Wall Street Journal publica o prognóstico feito por funcionários norte-americanos, de que 'Café Filho pode eventualmente abrir a possibilidade de investimentos estrangeiros na indústrias do petróleo e da energia elétrica no Brasil", a revista Time é mais reti-cente: classificou a carta-testamento de Getúlio como um documento "rancoroso e eloquente", por colocar a culpa do seu fracas-so em "uma maligna combinação dos seus inimigos políticos internos e de grupos financeiros internacionais"



Gente que gosta do que faz só fica satisfeita com a perfeição do que faz.

Helena, Helena, belas e malditas nessa história de amor e morte

O que será que é capaz de fazer com que uma moça de 18 anos, Helena, dê um tiro no coração de outra moça, de 16 anos, Helena também, e cinco minutos depois dispare contra a própria cabeça, matando-se?

Isso aconteceu faz um ano, na pequena cidade de Mococa, interior de São Paulo; palco e cenário da tragédia cuja missa de 1º aniversário, por coincidência, se deu no mesmo 16 de agosto em que, este ano, morre o ídolo do rock e da juventude da década passada o não menos chorado Elvis

Presley. Filhas de dois comerciantes, estabelecidos na mesma rua, colegas de infância, de colégio, de clubes, passeios, festas, além de serem donas do mesmo nome, as mocinhas, Silvia Helena e Nancy Helena, foram acusadas pelos mexericos. Primeiro das colegas e amigas, depois de toda a cidade: tinham um caso de amor. Por isso, fizeram um pacto de morte, por amor --um "Julieta e Julieta" dos anos 70.

"Mococa: Cidade do interior paulista. População: 40 mil habitantes. Economia: agropecuária. Localização: 260 Km da capital e 100 Km de Ribeirão Preto.

A juventude mocoquense também não difere da juventude de outras cidades de igual porte. Integrantes da chamada "aldeia global", ensejada pelos modernos meios de comunicação, os jovens mocoquenses também curtem as calças azuis, velhas e desbotadas, amarram-se em Pink Floyd e não perdem filmes de Jack Nicholson e Steve McQueen."

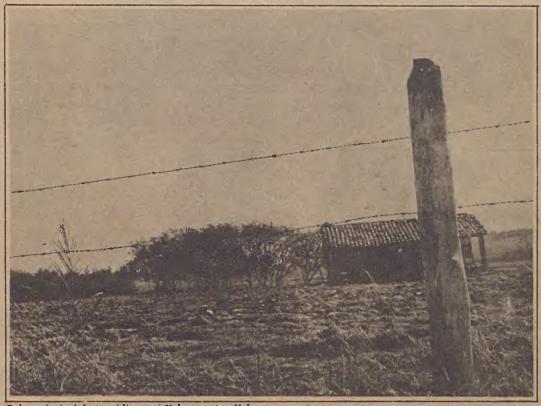
O drama das Helenas e de Mococa foi noticiado assim pela primeira vez, numa extensa reportagem de capa do semanário O Domingão, de Ribeirão Preto, que saiu no dia 7 de setembro do ano passado.

Por três vezes o repórter Alex Solnik, hoje no AQUI, foi a Mococa tentar a reconstituição jornalística da história, através do comportamento de sua juventude. Na primeira vez, acabou descoberto pelo pai de uma das moças, que o silvia (Helena) Nanci (Heleninha)

ameaçou de morte, caso prosseguisse interessado no assunto. Da segunda vez, Alex contatou que a cidade inteira era cúmplice, hoje, em apagar todo e qualquer vestígio do acontecido - os processos, as testemunhas, a própria his-

Por fim, Alex voltou esse ano para a missa de primeiro aniversário da morte das Helenas, e encontrou tudo mais mudado ainda. A Churrascaria não está mais lá, a lanchonete da rapaziada não existe mais, o rancho onde as moças morreram foi destruído – até trocaram, em seus túmulos, a data de suas mortes; e apesar da missa ter sido rezada, numa das 10 igrejas católicas da cidade, pode-se dizer: Mococa já esqueceu suas Helenas. Mas nós ainda continuamos querendo saber: por que Helena matou Helena e se matou?

> Por Alex Solnik Fotos João Bittar



Palco principal da tragédia: aqui Helena matou Helena e se matou



churrascaria era uma espécie de entreposto onde, no meio de monótonas conversas, os jovens trocavam as últimas informações sobre como ficar "bem", ficar "flutuando", "voar" viajar". Tudo ia bem, até que as conversas chegaram aos mais velhos. De uma hora para

outra, a Churrascaria foi esvaziando. Os pais não queriam aceitar o lugar. Proibiam os filhos de frequentá-lo. Então eles descobriram outro, o Bar da Páscoa. Onde continuaram as mesmas conversas. E passaram marcando ali mesmo as famosas festas nos ranchos, à beira do rio Pardo. Numa dessas festas, no segundo semestre de 1976, começou o murmúrio que se alastrou na cidade e levou de roldão as vidas de Helena e Heleninha

Foi tudo muito simples, como sempre. As meninas ti-nham saído das aulas e conversavam na Páscoa. Falavam sobre roupas e namorados, aqueles assuntos enfadonhos, enquanto tomavam Coca-Cola e comentavam o insuportável calor. Aí alguém deu a idéia: por que não vamos ao rancho, agora, improvisar uma festa? Claro que todo mundo topou. Mas a condição era essa: menino não entra. Seria uma festa exclusivamente feminina.

Ocuparam os carros e partiram para a estrada, repetindo as brincadeiras usuais. Uma delas era apostar corrida de carro. Essa não tinha graça, era sempre Helena a

vencedora. Não havia ninguém mais rápido. Em quinze minutos chegaram ao rancho, uma casa a beira do rio sem muito luxo, apenas um salão com fileiras de camas, destinado às crianças, e um quarto fechado, para os pais. As meninas chegaram e se espalharam. Trocaram de roupa mergulharam no rio. Encontraram garrafas de gin e vodka no barzinho da casa. Beberam, riram. De repente, sentiram falta de Helena e Helena. Resolveram procurar. Se lá fora não estavam, só poderiam estar no... quarto. Elas se aproximaram do único quarto, olharam pelo buraco da fe-

r a um baile de gala com um vestido lindo e alpercatas de camponesa nos pés, era demais. Helena ficou mal-vista no lugar.

No dia seguinte, a escola toda estava sabendo: Helena e Helena tinham sido flagradas nuas, em cima da cama de casal, aos abraços. O Instituto de Educação Oscar Villares tremeu nas bases. Os professores achavam necessário tomar uma atitude, convocar os pais, comunicar ao diretor, chamar o padre. Assim não podia ficar. Tá certo que a escola já tinha passado alguns escândalos - um exdiretor, Maurício Marquese, foi panhado agarrado à secretária, na diretoria –, mas dessa vez não ia ficar assim. Alguém teria que fazer alguma coisa, orientar as meninas

A bola de neve dos boatos chegou à cidade. Helena e Heleninha viraram assunto de conversa na cabeleireira, no mercado, no clube, nas casas. Não havia novidades e uma história dessas tirava a cidade do mofo. Cada pessoa que ouvia os fatos se encarregava de aumentá-los, acrescentando outras imagens do passado:

É verdade, sim. A Helena sempre andou de calça não é mesmo? Vivia na rua jogando bola com a molecada Sempre achei que era um menino!

É aquela vez, então, que pegaram ela se beijando

com uma amiga na sacristia?

— Mas também pegaram as duas Helenas fazendo coi sa feia no banheiro da escola!

Vivia uma no carro da outra, se beijando! A culpa é dos pais! Por que não internam as duas? Nem precisa tanto. Bastava mandar uma delas para

Internato. Reformatório. Hospício. As opiniões diver giam. Mas as pessoas não ficavam só nas opiniões. Olha vam Helena e Heleninha de modo diferente, desconfiado Mudavam de assunto quando elas se aproximavam. Riam pelas costas. Os mais caras-de-pau faziam piadas na frente delas, abertamente. Era a mesma coisa no clube, na pisci na, na escola, na rua, no bar. Não havia reunião em que não fosse comentado o caso das duas "perdidas

Helena já era mal-vista há anos, suas atitudes eram consideradas anti-sociais. Ninguém podia entender por que razão ela foi certa vez a um baile de gala no Clube da Praça, com um vestido lindo e alpargatas de camponesa nos pes. Ninguém entendia porque ela gostava de ficar so zinha, porque sumia da turma vários dias sem contar de pois aonde tinha ido, o que tinha feito. Ninguém entendia porque seus pais satisfaziam todos seus desejos de caçula da familia. Ninguém entendia por que ela não gostava de ficar muito tempo conversando num grupinho, sempre a 'cometa", desviando rápido das pessoas, desconversando.

inquém entendia por que Helena dirigia o o carro desesperadamente, todos os dias, e não só nos fins de semana, como os outros jovens.

dando um tchau e saindo. Ninguém entendia que sua brin cadeira favorita fosse dar "sardinhas" nas bundas das co legas. As pessoas entendiam apenas que Helena "gostava de aparecer", por isso marcava sua presença; sem fazer concessões. Ninguém entendia, principalmente, porque ela dirigia o carro desesperadamente, todos os dias, e não somente nos fins de semana, como era o hábito da maioria

As aulas do dia 16 de agosto de 1976 não foram muito diferentes das outras do Instituto de Educação Oscar Villares, um casarão cercado de árvores, próximo à piscina. Tudo corria normalmente na escola, menos isso: Helena ti nha os olhos vermelhos de tanto chorar, algumas vezes foi chorar no banheiro, para não cair chorando em cima da carteira. As amigas quiseram saber o que estavam aconte cendo, mas como Helena não dizia nada, concluiram que ela chorava porque um ex-namorado, Zé Ricardo, queria namorá la novamente. Mas houve também um diálogo rápido entre Helena e seu melhor amigo, Miguel, cochichado no meio da aula de Geografia:

Miguel, hoje vou me matar

CM

Tá louca, Helena! Que brincadeira é essa?

É sim, hoje meu sofrimento vai acabar. Miguel não deu muita bola, Helena gostava mesmo de falar em morte, era um de seus assuntos comuns. Que se matar, o que! Outros amigos dela já tinham ouvido essas

conversas, que novidade! O Opala ocre, ano 1975, arrancou cantando os pneus na rua Barão de Monte Claro. No banco da frente, as duas



Mococa, 40 mil habitantes



Túmulo de Helena mais velha. Data da morte inscrita: 17.8.1976.





Missa de 1º aniversário: quem as esquecerá?

Helenas, a mais velha ao volante. Olhos verdes, cabelos tar ao pai de Helena se elas não tinham voltado. Foram até pretos, estava linda. Nariz e lábios finos, um rosto clássico Para alguns amantes do cinema, seu perfil era o da atriz inglesa Glenda Jackson. Já Heleninha, não era o tipo de menina que provoca paixões. Discreta, ficava isolada nos grupos. Corpo mais cheio, e não o corpo alto e frondoso de Helena, pescoço alto, olhar firme. Eram diferentes.

Seguiram pela estrada de Cajuru e logo chegaram ao sítio dos pais de Helena, à beira do rio Pardo. Mas não fica ram lá: tinha gente no sítio. Deram meia-volta na mesma estrada até encontrar uma porteira, com uma estradinha. Pe-garam a estradinha, mas tinha chovido na véspera. Entra ram no barro e empacaram. Tentaram calçar o carro com uns pedaços de cartão grosso, mas não funcionou. Então seguiram a pé. Estavam num lado isolado de uma fazenda a São João do Itabi, perto de Casa Branca, em terras da Usina Itaiguara. Era fim de tarde. Foram andando ao lado de bambuzais, comendo bonbons, até encontrar um cocho no meio do pasto, perto de uma casa abandonada

Helena abriu um caderno escolar grande, de espiral, e escreveu com esferográfica e letra firme da primeira à última linha: que gostava da mãe, mas tinha muita dificuldade em conversar com ela sobre sexo. Despediu-se dos ami gos e os desculpou. Aceitava que não entendessem seu problema, mas sofria com a discriminação. Da sociedade não tinha pena, acusava principalmente as pessoas que só usavam seu tempo para falar da vida alheia. Deixava um pequeno testamento, distribuindo as coisas que tinha entre os amigos. Pedia para ser enterrada de calças, no mesmo caixão de Heleninha: "Se não podemos estar juntas em vida, que nos deixem juntas depois da morte

Passou o caderno a Heleninha, que escreveu sem vaci lar até as três últimas linhas quando sua caligrafia é trêmula e hesitante. Falou com carinho da família, pediu des culpas às irmās e aos pais, reconheceu que jamais aceitariam seu amor. E pediu para ser enterrada com vestido branco de debutante, no mesmo caixão de Helena. Cada uma arrancou e dobrou as folhas, prendendo-a na cintura

Helena apanhou na bolsa o revólver do pai, uma Boito de 32 mm arma de Iuxo, um uma bala e atirou no coração de Heleninha. Colocou mais uma bala no tambor e levou cerca de 5 minutos para atirar de novo, na própria cabeça acima do ouvido direito. Seu corpo tombou sobre o corpo de Heleninha.

Os cadáveres foram descobertos por um peão da fa zenda, Sebastião Vitorino, quando ia encher o cocho de água. Ele voltou correndo à casa da fazenda e avisou seu

Na cidade, a irmã de Heleninha, Denise, estava preo cupada: já era noite e ela não voltava do passeio. Como seus pais tinham viajado a Ribeirão Preto, Denise chamou sua irmã e foram à Casa Fidalga, na outra esquina, pergun-

o sítio procurá-las e na volta, fazendo o mesmo caminho que elas tinham feito, encontram o Opala atolado. Começaram a chamar pelas duas e apareceu o dono da fazenda atraído pelos gritos. Perguntou se ele conhecia as moças que tinham deixado o carro ali

Então eu tenho uma notícia muito triste para o senhor. Elas estão mortas, logo ali adiante.



rei Constantino atribuiu a responsabilidade do crime "ao farisaismo e hipocrisia da sociedade". Foi acusado de ser homossexual.

No dia seguinte, uma terça-feira, desde cedo a Igreja foi enchendo de gente, para o velório. Parecia que a cidade tinha parado. Havia muita gente pobre das vilas, criançada pela mão, gente que podia ver a pequena e graciosa Igreja do Rosário pela primeira vez, pois é uma igreja par ticular, de propriedade da família Figueiredo. Lá dentro, os caixões, repousados num carrinho de rodas altas, estavam protegidos por um grupo de soldados do Tiro de Guerra. Tinha amanhecido chuvoso, depois o sol apareceu um pouco. Mas na hora do enterro, ao final da tarde, a chuva voltou forte, quase um temporal.

O pai de Helena, João Farini, mais de 60 anos de ida de, ficou vários dias sem falar. Dona Amábile, sua mulher. só parava de chorar à custa de sedativos. Os pais de Hele ninha, seu Edgard e dona Cleuza, viviam no mesmo clima. Dias depois, circulava a notícia que eles estariam querendo processar os pais de Helena, considerando-a culpada, por ser mais velha. Corria também que dona Amábile estaria recebendo telefonemas anônimos todas as noites, sempre à mesma hora, de uma voz que dizia só isso:

 Sua filha é uma assassina...
 A missa de sétimo dia provocou novas discussões na cidade. O frei Constantino, moço interiorano, pacato, leu uma oração emocionada, que chamou de "oração a dois anjos". Nessa oração, "absolve" as meninas, transferindo à cidade, "à sociedade hipócrita e farisaica", a responsabi lidade por suas mortes.

Foi um deus nos-acuda. Vozes se levantaram para xin gar o frei. Acyr Boechat, advogado nascido em Mococa e residente em Ribeirão Preto, deu entrevista ao jornal Domingão, onde define o frei com todas as letras:

Esse padre deve ser bicha.

Nosso artista no IV Salão Internacional de Humor de Piracicaba

Gargalhadas no salão:humor sem carranca

A festa de humor brasileiro, além de contar com a presença dos mais renomados cartunistas do país, apresentou 141 trabalhos selecionados como os mais expressivos entre os 800 concorrentes. Este ano, o convidado especial foi o Henfil, que mora em Natal e foi pra Piracicaba via China — o que, apesar de debilitá-lo, não foi suficiente para afastá-lo do contato com a legião de admiradores: conseguiram todos levar uma Graúna ou um Zeferino dedicado e autografado carinhosamente.

A proposta da AGRAF - Associação dos Artistas Gráficos e Fotógrafos — de iniciar a documentação e registro da "Memória Gráfica Nacional", através de um levantamento sistemático dos profissionais marcantes em nossas artes, esteve representada este ano pelos caricaturistas Nássara e Miécio Café (ao vivo), além dos trabalhos expostos de Luís Sá, todos profissionais de antanho. O interesse do público pôde ser medido por um dado de desorganização acidental do salão: às 6 da tarde de domingo, as luzes não puderam ser acesas e no escure alcumes 60 nos sas, e no escuro algumas 60 pes-soas tentavam decifrar o desenho, contrariando todas as normas do bom senso. Pessoas lotaram o salão durante todo o tem-po de exposição e, apesar de Ja-guar (jurado) achar que ali ha-via muita choradeira e pouco humor, ouviam-se frequente-mente gargalhadas em um ponto ou outro do salão.

A premiação absolutamente

não fez justiça aos melhores tra-balhos, havendo mesmo o caso de prováveis premiados que nem foram vistos pelo júri (!) --por não ser o mesmo júri de seleção, trabalhou sem critérios e muito menos chegou a um consenso. Porém, como os prêmios não eram volumososo, nem distintos (este ano, 100 mil cruzei ros foram distribuídos igualmente entre dez concorrentes), isto não chegou a comprometer a importância e validade do salão de humor de Piracicaba. Ele, além de estimular o turismo na cidade, aglutina e reflete o mais fino humor brasileiro. Humor este, pode-se vislumbrar, que à medida em que as restrições são superadas, perde a sua carranca amarga e reclamona.

Assim, apesar dos tênues ventos que sopram de liberdade de expressão e pensamento, a censura e a repressão ainda são personagens habituais, mas já sem sua característica sombria ou de mera denúncia políticamente necessária. As gargalhadas não se ouviram no salão passado, e o desenho premiado não permitia sua presença para

uma platéia apática e oprimida.

Já os melhores desenhos, este
ano, refletem os primeiros passos da volta por cima, o revide inteligente e bem humorado, como na explosão do policial apoiando uma manifestação pelas liberdades democráticas com um ''VIVA!'' inesperado e contagiante. É isso mesmo, VIVA giante. E 1850 essa festa do humor... Paulo Caruso

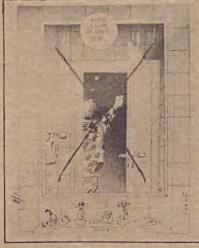






De pré-seleção: Chico Caruso, primeiro colocado no ano passado; Fortuna, do "Folhetim" da Folha; Walbercy Camargo, desenhista de anima ção; Jorge Bendetti, da Rede Globo; Pedro de Oliveira, de

De premiação: Henfil, convidado especial do salão; Jaguar, do Pasquim; Nássara, caricaturista e compositor; Borjalo, da Rede Globo; Audálio Dantas, presidente do Sindicato dos Jornalistas em SP; Fernando Pacheco Jordão, da Rede Globo; Carlito Maia,



RELAÇÃO DOS PREMIADOS

- Marcos Coelho Benjamim, de Minas Gerais Lailson de Holanda Cavalcanti, Pernambuco
- Santiago Augusto S. Rojas, Rio de Janeiro
- Laerte Coutinho, São Paulo Luís Antonio Solda, Paraná
- Marcos Antonio de Carvalho, Rio de Janeiro
- Fœusto Hugo Prats, Minas Gerais Rubens B. Junior, São Paulo
- Glauco Vilas Boas, São Paulo

Prêmio Imprensa, do Sindicate dos Jornalistas de São Paulo

- Reinaldo de Batista Figueiredo, de "O Pasquim" Sinzenando Alves Siqueira, do "Folhetim", suplemento da "Folha." Santiago, da "Folha da Tarde" gaúcha.



Os Szeretiuk mudaram-se da Bela Vista para a Aclimação, para um sobrado no número 860 da Rua Basílio da Cunha, zona residencial de São Paulo. Todos entraram, menos Elvis Presley. Tentaram fazê-lo entrar pela frente. Não deu certo. Pelos fundos. Foi em vão. Pelas janelas, nada. A única maneira foi deixálo entre a porta da rua e a escada que dá acesso à casa propriamente dita, pois um poster gi-gante, de 3 metros de altura por 2 de largura, não passa por ne-nhuma entrada da casa. Wasyl Nicola Szeretiuk, 26

anos, casado com Ana Maria e pai de Junior, é fã de Presley desde os 12 anos de idade. Quando ouviu pela primeira vez a canção "Tutti-Frutti" a canção "Tutti-Frutti" apaixonou-se pelo cantor, quis saber de sua vida e começou a colecionar objetos que o lembrassem. Assim, desde 1963, juntou 100 fotos, não sabe quantos posters, nem quantas fitas, e todos os 140 discos lançados pelo cantor, nacionais e importados. Wasyl diz que não é exagerado - Roni, um amigo seu que não vê há 5 anos, chega ao cúmulo (ou privilégio) de ter pedaços de roupa do falecido, conseguidos-durante shows que assistiu nos EUA; e sabe dizer, quando escuta um disco de Presley gravado ao vivo, os momentos em que ele lançava lenços ao

Wasyl, que assistiu a todos os filmes do cantor, confessa ter roubado e subornado muita gen-

te para conseguir as fotos que fi-cam nas portas de cinema.

— "Todos os filmes foram mediocres, com exceção de Ba-lada Sangrenta, recentemente reprisado pela Globo. Explora-ram muito sua imagem. Fizerem dele um produto de consumo", lamenta-se o fã lamenta-se o fã.

Ana Maria, sua mulher, confessa que não tiveram seu primeiro encontro numa sala de projeção, para assistir a qualquer fita do cantor, mas se tornou sua fã depois de conhecer Wasyl (nem podia escapar dis-

Wasyl quer acreditar que uma parada cardíaca foi a causa de sua morte.

Elvis era muito religioso, não bebia nem fumava. Não posso acreditar que ele era toxicô-

Uma imagem de bonzinho, é o que ele quer guardar de Presley.

'Elvis se tornou um mito para mim. Foi importantissimo o impacto que ele causou, dando continuidade ao que James Dean despertou. Ele era um rebelde e revolucionou o mundo.

zer do painel do cantor falecido, que é maior do que as vias de acesso da casa. Com pesar, Wasyl procura um comprador. Na montagem ele gastou Cr\$ 4.500,00 e aceita propostas. È uma foto colorida, Elvis Presley com a guitarra na mão, tirada da capa de um de seus discos que venderam, ao longo de 20 anos, 400 milhões de cópias.

Advel Ferreira da Silva



SALADA PAULISTA

ANTONIO

Cândido, o professor da nossa língua, analisa Drummond falando de outro poeta, o espanhol Garcia Lorca, morto por Franco 41 anos atrás.

Nossos maiores se fizeram moços sob o impacto de uma Espanha brutamente violenta-

pela Guerra Civil que em três anos ceifou 1 milhão de vidas; ao fim do sacrifício, instalou-se na pátria de Cervantes e Picasso uma ditadura inspirada na máxima "Viva a morte! Abaixo a inteligência!" A déca da

que se seguiu, os anos 40 foram marcados em nossas artes pela influência da mais chorada vítima da anti-inteligência: Garcia Lorca, o poeta de Granada, fuzilado em 1936 pelo ditador Franco – que se intitulava "el Generalíssimo".

No 32º aniversário do fuzila-

mento, em 1968, intelectuais paulistas inauguraram em São Paulo (Praça das Guianas) uma estátua do poeta espanhol, obra do artista Flávio de Carvalho — pouco depois destruída

pelo CCC, "Comando de Caça aos Comunistas".
Durante a homenagem, o professor Antônio Cândido proferiu palestra onde comenta alguns poemas de nossos maiores poetas, tocados pelo assassinato de Garcia Lorca (o poeta chegou a conhecer o Brasil, ao passar,

conhecer o Brasil, ao passar, em 1933, pelo Rio de Janeiro, rumo a Buenos Aires, onde foi triunfalmente recebido). Neste 41º aniversário

Neste 41º aniversário de seu desaparecimento, publicamos um dos poemas comentados pelo professor Antônio Cândido — hoje catedrático de Lingüística do Instituto de Letras da Universidade de São Paulo, e 1º vice-presidente da Associação de Docentes daquela escola.

O DIA AMANHECERÁ (DRUM MOND)

Numa crônica esquecida, publicada em 1944, Mário de Andrade falava da sua angústia no momento do "crime de Granada", e dizia que as manifestações no Brasil haviam sido " desoladoramente aguadas" e estri-tamente individuais. Eram, palavras suas, "apenas seres de-sirmanados" — coisa pouca, a seu ver, diante do fato que, diz ele, "o assassínio de Lorca inventa a supressão da Inteligência – essa Inteligência que ainda pode pensar calada, que acusa ainda quando muda, e que é a ú nica forma de liberdade nas ideologias totalitárias."

Bastante ligado a esta ordem de idéias é o desabafo de Carlos



As homenagens, este ano: recital para Garcia Lorca, no calçadão da Barão, sábado, 20 de agosto.

Drummond de Andrade, que exprimia o sentimento de todos num poema feito para o décimo

aníversário do fuzilamento, falando numa espécie de angústia e revolta, que a todos assaltava, quando lembravam que os car-rascos do poeta seguiam em sua terra. Neste poema, que se chá-ma "Federico Garcia Lorca", a secura emocionada de Drummond capta alguma coisa das assonâncias, das síncopas, da contenção de Lorca e de muito da poesia espanhola, pois é no próprio destino da Espanha moderna que inscrevo o destino do poeta morto. Os cravos que este amou são aqui metáfora do seu holocausto e da própria Espanha, dando à cor vermelha uma extensão figurativa que entra pelo símbolo e rutila no contraste com a clara liberdade entrevista e desejada, como podereis ver melhor por uma leitura do

Sobre teu corpo que há dez anos se vem transfundindo em cravos de rubra cor espanhola, aqui estou para depositar vergonha e lágrimas.

Vergonha de há tanto tempo viveres - se morte é vida sob o chão onde esporas tinem e calcam a mais fina grama e o pensamento mais fino de amor, de justiça e paz.

Lágrimas de noturno orvalho, não de mágoa desiludida, lágrimas que tão-só destilam desejo e ânsia e certeza de que o dia amanhecerá.

(Amanhecerá).

Esse claro dia espanhol, composto na treva de hoje sobre teu túmulo há de abrir-se, mostrando gloriosamente - ao canto multiplicado de guitarras, gitano e galo que para sempre viverão

os poetas martirizados.

Celso Martinez Correa no telefone, diretamente de Paris, pelo miracu-loso DDI - o sistema de Discagem Direta Internacional: estava escrevendo para Moçambique, quando atendeu. Zé Celso explica que, esta semana, o filme feito por ele e Celso Lucas, sobre a independência do país africano (25, Independência ou Morte, Venceremos), vai ao ar pela televisão francesa. Antes de Paris, há 3 anos fora do Brasil, trabalhou em Portugal também, e agora anuncia:o Grupo Oficina vai voltar K'Eu acho mesmo que agora há condições. É um fenomeno de amadurecimento, eu estou com clareza para enfrentar a volta. E inclusive aí: minha situação, quando deixei o Brasil, era a da morte de um busto - eu era um busto, um fantasma. Agora tenho certeza de que esse personagem morreu. Então posso voltar." A revista "Jeune Afrique", diz, publicou matéria sobre o filme, dizendo que os autores estão ''fugindo de uma ditadura". Zé diz que de uma ditadura não se foge nunca. "Ela está onde você está. Está em mim nesse momento, em Paris, está em Moçambique, como esteve em Lisboa. É uma coisa que a gente carrega onde quer que a gente vá.'

JOÃO Antônio, pelo DDD, mata o pau e mostra a cobra: depois de ser jurado no concurso de contos Unibanco, espera que as vítimas sejam salvas.

No Brasil, a verdade mesmo é que todo indivíduo que se sente alfabetizado, já se julga um escritor. Está havendo um equívoco. O mesmo de outras épocas, diante de outras artes, diante de outras formas de expressão.

Por exemplo, na época do cinema novo, no Brasil, vários talentos se deslocaram de suas ocupações para o cinema. O próprio Glauber me disse outro dia, no Beco da Fome, que sua verdadeira vocação era ser romancista. Mas ele não era besta nem nada de se dedicar a uma forma de arte que só lhe iria arruinar a saúde.

Quando apareceu outra palhaçada, a MPB — não confundir com MP do B, Música Popular do Brasil, muita gente que enveredou eram vocações que não tinham nada a ver com música.

Depois apareceu o teatro novo, 1966/1967, quando o Zé Celso Martinez trouxe de volta o "Rei da Vela" (de Oswald de Andrade), e todo mundo queria ser ator, cenógrafo, autor, e pónó-pó e pi-ni-pi

ser ator, cenógrafo, autor, e pópó-pó e pi-pi-pi.

Bom, no momento, existe um movimento literário. Dá status, embora não dê dinheiro. É uma forma de poder. A esta forma de expressão chamou-se "literatura brasileira". Mas o pessoal está a fim de badalhoca, de status.

Na verdade, o movimento que aparece de 1975 para cá, no Brasil, está dando uma literatura única no mundo a meu ver — porque você pega e encontra 30 autores de nível no Brasil — e vivos!

Então, quem não é contista está mais por fora que b... de índio! É o mesmo equívoco, sempre. Hoje, quem está dentro da onda, está fora de moda: é a mesma coisa que cortar o cabelo escovinha; quem não usa cabelo grande e bigodinho, tá por fora — é a coisa mais "careta"!

A literatura no momento serve para o pasto de uma porção de gente que não tem nada a ver com ela. Críticos já acham que é o começo da inflação do gênero. A meu ver, a grande maioria vai passar, e ficar aqueles que realmente vão enriquecer o nosso patrimônio literário.

Agora: por que literatura, hoje, e não teatro ? Porque o teatro sofre uma

grande carga de censura. Idem o cinema. Idem a música. Então o pessoal corre para fazer um tipo de música que não é censurada, o choro por exemplo — porque é só instrumental, (até hoje só Ademilde Fonseca cantou choro). E o pessoal também corre pra literatura pensando em viver na sombra do boi. Mas vai pastar, porque literatura não dá grana!

mas var pastar, porque nteratura não dá grana!

Aliás, essa juventude tá demonstrando ser bem maucaráter: tá a fim de dinheiro, de onde, emprego, e depois... tchau-tchau! Não sabemos quantos escritores existem de

Curiosamente, este prêmio Unibanco acabou premiando bem — premiou os melhores. Os contos são uma espécie de demonstração da vida brasileira hoje. Se você ler os dez contos, é uma literatura zangada, malencarada, amarrotada — e de todo o País. Eu achei que todos mereceram o prêmio. O processo de votação foi democrático. Houve contos que eu achava muito bons e não foram aprovados. O primeiro lugar eu acho que mereceu o primeiro lugar (Ruy Carlos Lisboa, do Rio de Janeiro, autor do conto "Donzela do Parque Imbituba", que ganhou 100 mil cruzeiros).

Só mais uma coisa: eu espero que esse concurso não faça as mesmas vítimas de todos os concursos. As vítimas são os próprios ganhadores. O primeiro colocado sempre acaba sendo a maior vítima. A politicagem põe o sujeito lá em cima, depois puxa a escada! "Aí, hem? Quebrou a cara, né? Por que ousou?" Aí vão arrumar emprego pro cara, arrumar lugar pro sujeito ir trabalhar na Veja, no Estado, etc. E irmão malhando irmão. Exemplo: "Malagueta, Perus e Bacanaço". Depois de ganhar prêmio municipal, estadual e federal, ficou 12 anos esquecido. E o pessoal: "Aí, hem? Quebrou a cara, né?"

João Antonio



Baile de fantasia no Congresso Mundial de Alfaiates!

Pela primeira vez no continente americano, realiza-se - de 29 de agosto a 3 de setembro — no Copacabana Hotel, Rio de Janeiro - um Congresso Mundial des Mestres Alfaiates, o 17°. No programa, além do desfile de moda dos principais centros de elegância do mundo, haverá um baile das fantasias premiadas no Carnaval. A promoção é do Centro Nacional de Alfaiates, filiado à Federação Mundial dos Mestres Alfaiates.

Para o vice-presidente da União de Alfaiates do Estado de São Paulo; e presidente do Conselho da Associação dos Negociantes Alfaiates de São Paulo, o paulista Augusto Panzica, 51 anos e 44 de costura, um dos principais motivos do Congresso a troca de conhecimento de novas técnicas de costura. Outro, é o problema da extinção da profissão

Há 10, 20 anos não se vêi mais aprendiz de alfaiataria"

O cronista "Giba Um", da Uttima Hora, na revista Veja, em outubro passado, afirma: quem quiser pertencer à turma dos "novos ricos extravagantes" da alta sociedade, deve cumprir um "ritual elementar" — usar relógio da marca Cartier ou Piaget e no outro pulso uma pulseira de ouro; ter um carro da moda; e claro - encomendar um terno, se possível com colete, no velho Panzica

'Uma das coisas que fiz pela União e pela Associação foi ter conseguido que uma mulher possa ser sócia também."

OS DEZ MAIS

Panzica, depois de muita insistência, dá uma lista dos dez

1) Chiquinho Scarpa; 2) Toninho Abdalla: 3) Dr. Ciro Coras Dias (Advogado); 4) Benedito Oscar Kobal (dono de financeira); 5) Ladson Abreu Duarte (dono de indústria); 6) Salvador Ju-



Panzica, alfaiate da alta: mais de Cr\$ 4 mil um "feitio".

lianelli (deputado federal); 7) Rui Silva (secretário de Turismo); 8) Milhen Racy (dono de fi-nanceira); 9) Ricardo Aidar (ar-quiteto); 10) Ricardo Mansur (dono do leite Vigor).

Além deles, o Mestre Panzica cita Fábio Tomazini Torzaghi (da Pneuac); o Brigadeiro José Vaz da Silva e o General Canavarro Pereira

Narciso Kalili e Hamilton Almeida Filho, editores do tablóide Ex-, vão falar sobre a experiência que foi editar o jornal, morto pela censura prévia em de-

zembro de 1975. Narciso falará sobre "A importância da ingerência do texto na arte, e viceversa: a ingerência dos artistas no texto"; Ha-milton, sobre "Como montar uma companhia de teatro". Será no sábado, às 5 da tarde, na

Aliança Francesa, Rua



No mesmo local, sensacional exposição de fotos de Amâncio Chiodi, fotógrafo "mais que maldito"; e uma mostra de desenhos, fotos, histórias em quadrinhos e demais originais, publicados pelo Ex.



Por que homem com homem? e mulher com mulher? (hipóteses)

Uma figura feminina muito neiga e dócil, e uma figura mas-culina muito autoritária e repressiva, que desenvolvesse um sentimento de hostilidade do menino contra o pai, isso pode ria assumir um caráter sexual (todos sabem que num certo periodo da infância dos meninos, as brincadeiras homossexuais são tremendamente ligadas à agressividade, sendo o maricas entendido como um menino fraco, pouco agressivo e forte candidato à futura homossexualidade).

Na Grécia antiga (especial-mente no século IV antes de Cristo), a homossexualidade, entre os homens, era muito comum, sendo também uma prática aceita como normal. Ela tinha relações claras com o tipo de ligação afetiva e intelectual que se estabeleciam entre mestres e discípulos, no período áu-reo do pensamento filosófico. E aí a homossexualidade estava fortemente relacionada com o amor, especialmente com o amor entre criaturas semelhantes. Aliás, entendido o amor como sendo entre semelhantes, este sentimento só era possível le isto até há cerca de 20 anos) entre pessoas do mesmo sexo. Do que eu sei, a homossexualidade só existia entre homens. Em Roma parece ter sido um comporta-mento "copiado" dos gregos, sem nenhum significativo comprometimento com o amor. Durante longos períodos da história humana foi uma prática proibida e bastante pouco comum (é dificil saber se era tão incomum quanto se pensa ou se os homossexuais se escondiam bem, por medo das represálias sérias impostas pelo meio). Sua frequência, ao menos no Ocidente, voltou a crescer a partir do fim do século passado, sendo hoje um evento absolutamente usual. A homossexualidade feminina sempre foi muito menos comum do que a masculina, apesar de que não existe nenhuma razão biológica para isso (duas mulheres podem se satisfazer perfeita mente bem, uma vez que a zona de prazer maior para a mulher é o clitoris e não a vagina)

É realmente muito difícil se entender este amontoado de damais), saber da influência cultural e ambiental sobre a homossexualidade, de seus componentes biológicos (não há dúvidas que estes são dificeis de se entender, pois se trata de uma condição não reprodutora, de modo que os verdadeiros homosse-xuais - aqueles que têm esta conduta exclusiva - não teriam, descendência e a condição tenderia a-se extinguir). A hipótese que eu vou procurar sustentar é a de que não existe absolutamente uma causa só para a homossexualidade, uma única explicação válida para todos os casos e todas as épocas; a homossexualidade é uma síndrome, ou seja, o resultado final comum oriundo de uma multiplicidade de condições

(No próximo capítulo, "as grandes epidemias de homossexualismo.)

Flávio Gikowate



As máfias querem a cabeça do melhor poeta do país

Cae, Cae, Caetano, que eu vou te levantar. Se for preciso. Tenho tal ternura pelo que você acertou no passado que não me afino com o coral de opróbrios mais uma vez orquestrado contra os teus ouvidos. Também não quero assinar o aval das tuas lantejoulas, da tua solidão, ou da forma pela qual você as concilia com a tua probidade artística. Apenas me estranha, e muito, a eficiência do marketing que, como a ira antiga dos deuses, foi desencadeado para te anular.

Vaïas e vazios fazem parte do mundo dos espetáculos. Mas o vazio total na tua sala de mito, quando nossos heróis e mitos são tão poucos, nos leva a imagi-

Dizer que isso tudo não importa, seria mentir contra a emo-

Talvez seja importante perceber os fatos.

Vivemos num país cuja crítica e cujo mercado consumidor de arte estão sempre mais voltados para a mitologia, para a ideologia, para a situação do autor do que para sua obra. Assim sendo, é uma crítica de máfias. A máfia do partidão, a máfia do sistema, a máfia do gay-power. Quem não pertence a nenhuma delas, pena a tortura lenta da inexistência crítica. Em literatura, isso não importa, porque o tempo é mais forte do que o contratempo. Para um artista, que carrega no instante a própria arte, como o cantor, isso é a sentença

Leo Karan quebra

um tabu: fez coisa boa e está vendendo

Depois de gastar toda a eco-

publicade sonora impecável, o onpositor Leo Karan, 36 anos, desabata: "Eu estou quebrando um tabu meu: Quem disse que oisa hoa não vende?"

O LP Urbana vendeu 1.400

cópias de outúbro, quando foi lancado, até maio. Um número 'otimista' desses Léo só esperaa no lancamento, agora em setembro, do compacto com quatro músicas selecionadas do LP: Charlotte, Por Incrivel que Pareça, Jesuina e Urbana.

Léo nasceu em Novo Horizon te, interior de São Paulo, no dia 4 de agosto de 1941. Só aos 21 anos se interessou pela música. Em 1971 lança seu primeiro disco, com a música 1900 e Nada, depois de participar de shows e festivais. Em 1972, lança a dupla "Tom Menor", com o parceiro Adauto Santos, que durou até 1974. Foi então que Léo Karan resolveu gravar um "disco bem gravado, sem intuito comercial". O difícil foi conseguir que ele fosse gravado. Léo Karan percorreu a Continental, Som Livre, RCA, e a opinião era a mesma: "Está bem feito demais. Não vende." O trabalho então foi apresentado a Marcus Pereira, da etiqueta de mesmo nome; e o LP saiu. Tem capa dupla com 4 cores, e na parte interna estão todas as letras e nomes de todos os que colaboraram, "des de a simples caixinha de fosforos até abóes e violinos'

Léo procurou até a televisão, para conseguir divulgar seu traballio. "Principalmente no Fantástico, que nos dois minutos e meio da música Charlotte, gastou 120 mil cruzeiros em roupas, para as 18 bailarinas, que ensaiaram uma semana. Foram sete horas de gravação.

'Embora ainda não muito to-

cado nas rádios, Léo acha que está conseguindo divulgar o seu trabalho 'anticomercial

Eu preciso viver da músi-

10

11

Ivo Patarra

Foto de

CM

exposta no Instituto Cultural Israelita Brasileiro, Rua Três Juca Martins Rios, 252, de 19 a 31 de agosto (18 às 23 horas; sábados

das 14 às 19). A exposição mostra fotos de Juca Martins, Alex Yared, Deborah Frida Resenfeld, Fernando Reinach, Roberto Wolfenson e Vitor Hugo da Costa Pires. Juca fotografou o lixo das ruas - lixo humano também; Alex fotografou o ensaio de uma peça: gente ao estilo de Felini, cara pintada; Débora apresenta um trabalho pessoal; Fernando mostra árvores, natureza, riacho com pedras, efeitos de luz, abstrações; Roberto faz retratos: seres humanos marroquinos, brasileiros, europeus; e Vitor, um expositor de técnicas.

> CEDEM

Você conseguiu varar a barreira da crítica e trafegar em orbita pessoal (ou grupal), apesar das vaias ideológicas do Tuca, mas pouco estéticas. Você conseguju satisfazer a inteligentzia, quando o tropicalismo foi alçado à categoria de momento histórico. Você nunca conseguiu agra-dar de vez o sistema, tanto é que foi cantar London London in loco. Mas contrariando todas as regras da oposição mafiosa você atingiu o mercado, mesmo quando interpunha entre você e ele, vamos chamá-lo de público em vez de mercado, os cetins incompreensíveis da personalidade, e da tristeza. Cada cidadão perdido na cadeira de um auditório chega a um artista por sua via pessoal. Eu cheguei a você ao flagrar essa tristeza que vem da inteligência, em cada som, em cada verso, e estaciona nos olhos.... para os quais se deve olhar, como me aconselhou João

É claro que um artista é responsável pelas suas atitudes políticas, pois ele é tão cidadão quanto o advogado, o padre ou o general. É claro também que ele é responsavel por sua obra. E essas coisas se confundem, quan-do uma pode prejudicar a outra. Mas são coisas, no plano crítico, a serem julgadas separadamente. Mesmo que en tivesse que assinar um dia, constrangido, a tua sentença de morte, você continuaria sendo o melhor poeta vivo deste país, como continuou sendo, embora morto, o poeta Garcia Lorca, depois de quatro décadas.

A principal qualidade do profeta é a paciência, pois ele convive com o dia seguinte. O que ele não pode é ter qualquer ressentimento contra os seus contemporâneos, porque senão passa de profeta a Tiberius.

Quanto à crítica, peço a ela que distinga como Descartes, que se entranhe como Luckács, que compreenda como um ser humano.

Jorge da Cunha Lima



a libido liblu e as outras

Erasmo, o de Roterdã, que escreveu o "Elogio da Loucura" (não o "Elogio do Cassetete"), tem uma frase lapidar, que alias não é dele. Trata-se de um provérbio bastante conhecido:

"Não tens quem te elogie? Elogia-te a ti mesmo".

Pois bem, é o meu caso. Vanglorio-me de ter bolado pela primeira vez uma classificação da libido. Uma "taxinomia" da libido, diria um acadêmico de sociologia de Taubaté. Ninguém antes de mim teve a ousadia de classificá-la. Nenhum psicanalista. De Freud a Lacan. Talvez devido a grande dificuldade que persegue esse empreendimento: são incontáveis as libidos deste

cm



do Here em primeira mão. Aviso, no entanto, que ela não é completa. Tampouco pretendo esgotar o assunto. No terreno da libido, também é válido o preceito: o fenômeno é mais rico do que a lei. Em todo caso, meu maior interesse é que o leitor, ao tomar conhecimento dessa singular classificação, possa identificar sua libido. Não se vexe, leitor, Se Freud fosse vivo hoje, ele daria maior força no meu em-preendimento. O termo "libido" significa em latim vontade, desejo. Na Metapsicelogia, Freud

"Libido è uma espressão tir da da teoria da aletividade".

Ou seja, uma energia "das pulsões que se referem a tudo o que podemos entender sob o nome de amor". Posto o argu-mento da autoridade, vou direto ao assunto.

Libido tagarela - carinha que gosta mais de falar do que de exercer o ato. Leva ao extremo o aforisma de Cortazar: não há erotismo sem verbo.

Libido jetset - só se excita com pessoas famosas. O maior sonho: passar uma noite com o Walter Clark. Libido samaritana: forte inclinação por pessoas decaidas ou que aparentam ter sofrido frustrações incríveis.

Libido mococa - excitação instantânea, de sopetão. Mal dá tempo de abrir a porta do apartamento. Em prédios com elevador, é um vexame.

Libido sísifo - nunca consegue atingir o orgasmo. Libido chuveirinho - padece de ejaculação precoce. Libido AI-5 - não deixa determinadas partes do corpo serem tocadas. Libido penhalapa: aperta demais o parceiro, quase o sufoca. Libido alban também conhecido pelo nome não bata-que-eu-gamo.

Libido liblu - toma o sexo pela raiz. Libido sai de baixo - costuma quebrar a cama. Libido estalinista - se liga mais na tática do que na estratégia; vibra com manobras. Libido massa avancada - espera sempre a rebarba e gosta de ser traído. Libido calvinista - é asseada e põe o trabalho na frente do prazer. Libido sociedade civil - vive de fantasias; nunca chega a exercer efetivamente o ato.

Se sua libido, leitor, não se encaixar em nenhuma dessas, não tenha dúvidas: procure um divã. Você é um perverso!

Gilberte Vesconcelles

Projeto Pixinguinha: nacionalismo apenas cultural. não?

Falar sobre a canção popular nestes nossos dias é cair no impasse. Aliás, o espectro do impasse não ameaça apenas a canção: como me disse outra dia o Bob Fields - o amigo, não aquele que administrava as nossas finanças -, o mundo está mais para barbárie do que para sua antitese histórica. Concordo. Impossibilidade e vontade, desejo e utopia esculpem a cara do dia-a-dia, seja à flor da terra, seja à flor da pele. Mas falo, falo, e não digo o que quero: retornemos ao impasse na canção popular (que, lembre-se, é o assunto reservado para este espaço do

Voltemos: na semana passada, eu indagava sobre quais eram concretamente os interesses do MEC em financiar o "Projeto Pixinguinha", que nas pala-vras do seu idealizador "representa nossa filosofia de aproximar a música do povo, num momento em que os meios de comunicação tentam mutilar a nossa fisionomia cultural". Por razões que costumamos chamar de técnicas, a coisa ficou meio truncada; vejamos se consigo clarifi-

Naquela semana o "Projeto Pixinguinha" trouxe a São Paulo o canto de Clementina de Jesus. E mais do que justo que Clementina encontre canais para exercer a sua enérgica magia e que as pessoas possam comungar com ela o ritual bonito de um tempo aflito, para usar a sonoridade de Milton Nascimento cantando sobre ela, Clementina. Sabe-se, porém, que o significa-do libertário que um canto abriga em si mesmo não é idêntico à sua função social, nesta sociedade de homens partidos. Conteú-

do estético e papel que a música desempenha na vida das pessoas, enquanto produto da industria cultural, encontram-se divorciados. A práxis do lucro neutraliza o poder contestatório; Clementina e Morris Albert aparecem' indiferenciados, lado a lado numa loja de discos, ou num programa de rádio. Eis a etiologia do grilo: a raíz do impasse.

No caso do "projeto Pixingui-nha", ganha-se uma nova nuan-ce: a contradição entre política econômica e política cultural oficiais. Economicamente, os se-

tores dominantes do país defendem a associação aberta com o capital mundial, já que foi desfeito o sonho da autogestão nacional, na era do imperialismo. Só que no setor cultural permanece a falação nacionalista, a defesa da "brasilidade", da "nossa fisionomia cultural". De um lado escancara-se o dique para o capital cosmopolita, de outro incentiva-se o sentimento nacional, sem que as faces fiquem vermelhas de pejo. Quais os limites desta contradição? E mais ainda: quem, realmente, usa quem?

O produtor do projeto fala ainda que os "meios de comunicação tentam mutilar a nossa fisionomia cultural". Será? Que dizer dos especiais da Rede Globo sobre música popular brasileira? E os da Bandeirantes, responsáveis pelos maiores índices de audiência obtidos por aquela emissora televisiva? E o festival de chorinhos, que esta mesma Bandeirantes está preparando? E os programas "O Fino da Música", realizados pela Rádio Jovem Pan? O sociólogo Edgar Morin (que para muitos deve ser ignorado, pois não nasceu em Santa Adélia ou em Taubatél, afirmou certa vez que o "mercado mundial, que no primeiro estádio esteriliza as fontes autóctones, no segundo revitaliza-as'

Ou seja, nem sempre a industria da canção está contra a ge-nuinaMPB. E é bom que se esteja atento a isso, quando se começa a pensar no impasse da canção.

Satinas Sposki Jr.





andar - s/817-18-19 Fones: 34-0218/34-2813

HIGIENÓPOLIS

Tem uma livraria com discos e som polivox

> que reside no bairro de Higienópolis conta com mais esta facilidade tem uma liviario bem próxima de V Visite-nos- só nos dará prazer ou então loço seu pedido de livros ou discos, pelos telefones 66-2763 ou 66-8564 e nos os enviareinos sem nenhum acréscima

Papelaria M.G. Livraria Rua Sergipe, 768

5A2-A

Nexus Publicidade e Pesquisas Ltda. Avenida Rouxinol, 51, São Paulo, 04516.

Estamos comunicando a mudança de nossos teletones para uma unica linha PABX, a todos os amigos, clientes autoridades civis, militares, eclesiasticas e publicitarias

18 19 20



UM JORNAL A FAVOR DA INTELIGÊNCIA

"ULTIMA HORA" HAVIA ADIANTADO, ONTEM, O TRÁGICO PROPÓSITO

MATOU-S VARGAS!





AS 8,30 HS. DA MANHA DE HOJE O MAIOR LIDER POPULAR QUE O POVO BRASI-LEIRO JA CONHECEU ENCERROU DE MO-DO DRAMÁTICO SUA GRANDE VIDA UM TIRO NO CORAÇÃO - O GENERAL CAIADO AINDA ENCONTROU COM VIDA O PRESIDENTE - DESOLAÇÃO NO CATETE

Neste nefasto Dia de São Bartolomeu, precisamente às 8,35 horas, praticou o suicidio o Presidente Getállo Vargas, com um tiro de revivier no coração, quando se encontrava em seu quarto particular, no 3º ander do Palácio do Catete.

O General Caiado de Castro. Chefe do Gabinote Militar da Presidência da República, correu para os aposentos presidenciais, ao ouvir o disparo, e sinda encontrou o Presidente Vargas segonizame.

Chamou as presses a assistência pública, que denfro de cinco minutos já se encontrava no Palácio do Catete.

Mas o grande Presidente Getállo Vargas já estava morto.

Não pode ser descrito e amismate no Palácio Presidencial. Tudo é consternação. Membros da fámilia do Presidente, serviçais, militares que guarnecem o Pelácio choram a morte do insigna brasileiro.

A Mensagem Que Vargas Deixou Pouco Antes de Desfechar Contra o Peito o Tiro Fatal: "A SANHA DOS MEUS INIMIGOS DEIXO O LEGADO DE MINHA MORTE. LEVO O PEZAR DE NÃO TER PODIDO FAZER PELOS **HUMILDES TUDO AQUILO QUE EU** DESEJAVA."

O povo em massa acorre para o Palácio do Ca tete, estando repletas as ruas que dão acesso à casa em que se matou, vítima da irnomínia e das ca mpanhas infamantes de adversários rasteiros, o maior estadista que o Brasil teve, neste século. Cenas de profunda dor estão sendo assistidas na rua. Lê-se 9 pesar no rosto do povo. O povo brasileiro chora a perda do seu Presidente, por êle estativa de la companio del companio de la companio de la companio de la companio de la companio del companio de la companio del companio de la companio de la companio de la companio del companio de la companio de la companio de la companio del companio de colhido, por êle eleito e que - na crise gerada por seus inimigos - só sain do Catete morto.

AMENORES DE 23 ANOS

Record brasileiro: "O dia em que a UH vendeu 750 mil exemplares!" POR SAMUEL WAINER P.11

CEDEM 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 10 11 12 cm 1